



HAYDÉE

CONSTRUINDO O SUS PELA BASE



HAYDÉE

CONSTRUINDO O SUS PELA BASE

Entrevista com Haydée Lima

Construindo o SUS pela base

Campinas, SP, 2023

Entrevista e organização:

Francielly Damas e Nayara Oliveira

Transcrição, revisão e edição

Amanda Pomar e Valter Pomar

Apoio especial:

Camilla Ribeiro

Diagramação e projeto gráfico:

Emilio Font

Foto da capa:

Sônia Fardin. Grafite realizado por Sergio Campelo e

Mirs Monstrego para a Femenagem realizada para Haydée no

CS Vila Ipê em setembro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Haydée [livro eletrônico] : construindo o SUS pela base / organização
Francielly Damas, Nayara Oliveira. -- São Paulo, SP : ELAHP : CCEV -
Centro Cultural Esperança Vermelha, 2023.
PDF

ISBN 978-65-995590-5-1

1. Lima, Haydée de Jesus, 1952-2021 2. Mulheres - Entrevistas 3.
Saúde pública 4. Sistema Único de Saúde (Brasil) I. Damas, Francielly.
II. Oliveira, Nayara.

23-153589

CDD-305.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Entrevistas : Aspectos sociais 305.4
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



ELAHP

Escola Latino-americana de História e Política
Escuela Latinoamericana de Historia y Política



CENTRO
CULTURAL
ESPERANÇA VERMELHA

APRESENTAÇÃO

Este livro é dedicado à defesa do Sistema Único de Saúde. Há várias maneiras de fazer isto: com o apoio de argumentos técnicos, dados estatísticos e arrazoados sociológicos. Neste livro, escolhemos outro caminho: contar a trajetória singular de uma menina do interior, que se converteu em construtora do SUS. Seu nome: Maria Haydée de Jesus Lima. A forma: uma entrevista concedida, nas tardes de sexta-feira, 14 de fevereiro e de domingo, 16 de fevereiro de 2020. As entrevistadoras são amigas e companheiras de Haydée: Francielly Damas e Nayara Oliveira.

Quando fizemos a proposta de entrevistá-la e ela aceitou, naquele momento em que Haydée havia se afastado do Conselho para cuidar de sua saúde, pensamos as perguntas que faríamos, propondo e ajustando uma primeira data, deixando para depois definir uma segunda, se necessário. Focamos na retomada de sua trajetória, do ponto de vista de sua militância no SUS, como mulher de esquerda, sanitarista, trabalhadora, gestora, militante do MOPS¹ e conselheira, deixando que a conversa corresse no ritmo dado por ela. Nem imaginávamos que viria uma pandemia e que sua condição de saúde pioraria a ponto dela nos deixar em 17 de abril de 2021.

Antes disso acontecer, ainda em fevereiro de 2020, a entrevista foi transcrita pela Amanda Pomar, editada pelo Valter Pomar e encaminhada para a Haydée revisar e aprovar. Respeitando seus momentos e possibilidades, a aprovação veio muito depois, em meio à distância física imposta pela pandemia e pelas idas e vindas do seu tratamento, que

1 Movimento Popular de Saúde de Campinas.

acompanhávamos cotidianamente através do grupo de whatsapp “Amigas da Haydée”, do qual participávamos junto com outras companheiras de vida, além de sua filha Ana Lima Cecílio e Luiz Cecílio, pai da Ana e do Tiago.

A despedida de Haydée foi um processo bonito e respeitoso, que seguiu, depois daquele 17 de abril, incluindo homenagens como a que fizemos em setembro de 2021 no Centro de Saúde Vila Ipê, que passou a se chamar Centro de Saúde Vila Ipê Maria Haydée de Jesus Lima.

E agora, em abril de 2023, tornou-se possível publicar a entrevista, por enquanto em formato on-line, para marcar o aniversário de 72 anos do nascimento de Haydée. Registrar sua história e contá-la é uma oportunidade de reconhecer e visibilizar o trabalho e a relevância que as mulheres possuem na construção do SUS e da saúde pública brasileira a partir da base. Esperamos que todas as pessoas que leiam, sejam tocadas pela história que virá a seguir. E que abracem a luta.

Francielly Damas e Nayara Oliveira.



Nayara Oliveira e Francielly Damas na 11ª Conferência Municipal de Saúde de Campinas abril 2019, foto Marcos Oliveira.

A ENTREVISTA

Vamos começar pedindo que você nos fale de sua família.

Eu sou de uma família de classe média, conservadora. Uma família grande, de funcionários públicos, parasitas, como diria o Guedes². As mulheres de minha família eram todas professoras. Meu avô era um funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem. Muita gente do baixo funcionalismo público. Meu pai era da Aeronáutica, um meteorologista. Ele foi ser da Aeronáutica, pois era o jeito de gente pobre estudar. Foi órfão de pai e a mãe dele casou uma segunda vez, com um padrasto que o escurraçou de casa, adolescente, na Bahia. Então seguiu para São Paulo. O jeito que achou para estudar foi tornando-se padre ou militar, e como “ele gostava muito de mulher pra ser padre”, acabou escolhendo a carreira militar.

Tive muita influência do catolicismo de minha avó materna. Classe média típica. Ainda que nos costumes, eu diria, ligeiramente evoluída, pois meus pais são uma geração pós-guerra, isto é, tem uma certa atração pelo cinema, por alguma leitura, algo mais liberal nos costumes, mas no quesito político, uma família bem conservadora. Mas o cristianismo me pegou muito, estudei em colégios super conservadores, Salesianos, de freiras, da infância aos quatorze anos.

Em qual cidade?

Em Guaratinguetá, interior de São Paulo. Todavia, topei com freiras extremamente progressistas. Elas eram dessa

² Ministro da Fazenda de Bolsonaro.

linha do cristão solidário. Da JUC³, que fazia clube de cinema e eu comecei a participar destas coisas. Era algo de ligar a solidariedade cristã à uma crítica social, à desigualdade social, à pobreza, muito precocemente, antes de virar ateia. Com uns onze ou doze anos. Acho que antes disto eu já tinha aquela sensibilidade com injustiça social.

No segundo ano de escola primária, em Curitiba, estudava numa escola pública e provoquei uma revolta em repúdio à uma perseguição que partia de uma professora às crianças mais pobres. Foi assim: eu tive uma professora de primeira série muito afetuosa e, na segunda série, a professora que veio era uma megera. Era brava, agressiva, nos batia com régua. Uma coleguinha minha era muito pobre e vinha à escola com muita dificuldade, não tinha sapatos direito, chamava-se Claudete. Ela tinha dificuldade em acertar as coisas na escola e a professora juntava sempre um aluno com mais dificuldade com um que se resolvia melhor, nisso a Claudete virou minha protegida. Um dia fizemos uma avaliação e ela errou muito. A reação da professora foi cobri-la de reguada. Eu fiquei possessa.

“

A Claudete virou minha protegida. Um dia fizemos uma avaliação e ela errou muito. A reação da professora foi cobri-la de reguada. Eu fiquei possessa. Virou fama na minha família, pois eu tinha oito anos... Eu agitei a classe para ir à diretora e meio que denunciemos a professora. Ela foi injusta com a Claudete e reclamamos. A diretora nos ouviu e suspendeu a professora por uma semana..

Virou fama na minha família, pois eu tinha oito anos... Eu agitei a classe para ir à diretora e meio que denunciemos a professora. Ela foi injusta com a Claudete e reclamamos. A diretora nos ouviu e suspendeu a professora por uma semana. Minha mãe era professora em outra escola. Ela não sabia se gostava ou ficava horrorizada com a minha atitude.

Eu tinha essa coisa da injustiça muito forte. Acredito que era por esse cenário cristão, que me tocou muito. Minha avó era uma católica tradicional e tal, mas a injustiça era algo que

3 Juventude Universitária Católica.

clamava muito fundo. Acho que vem de longa data isso de ter um lado na vida.

Depois eu tive essa sorte de, um pouco já mais adolescente, encontrar esse povo que fazia esse questionamento político. E, mais tarde, a sorte maior ainda, de quando fui a Brasília, estudar o ensino médio em uma Escola de Aplicação da Universidade de Brasília⁴, um CIEM, Centro Integrado de Ensino Médio, que foi um celeiro das esquerdas.

Antes disso, você morou em vários lugares...

Eu morei em Lorena até os seis anos de idade, no Vale do Paraíba. Depois fui para Curitiba, quando meu pai foi estudar meteorologia e fiquei dois anos lá, onde houve a história com a Claudete. Depois voltei para Guaratinguetá, onde meu pai trabalhava na base da Aeronáutica e fiquei lá muito tempo, dos nove aos catorze anos. Saí de lá para Brasília. Lá minha mãe foi trabalhar como professora e meu pai na Aeronáutica. Eu fazia o segundo ano lá. Entrei no Ensino Médio com catorze anos e no segundo ano, estava com quinze anos.

Teve um lance engraçado para entrar nessa escola. Essa escola era de Aplicação da UnB. Tinha uma espécie de vestibulinho para ingressar, era período integral, com um currículo superavançado, superprogressista, com matérias integradas. Se aprendia português, história, uma coisa espetacular. Não por acaso, depois de 1968, do AI-5⁵, muitos professores foram dispensados. A escola se manteve, mas desestruturou-se o que se tinha antes.

Quando eu cheguei lá, já havia passado a época de seleção. Por sugestão de umas amiguinhas, fui tentar mesmo assim. Valia muito a pena, segundo elas, concorrer às vagas remanescentes do segundo ano. Falando com a secretária do professor, ela me avisou: “a prova já havia passado, o

⁴ UnB.

⁵ Ato Institucional número 5.

período também, não haveria jeito, tem até vaga, mas não podemos abrir”. Eu já estava com a matrícula engatilhada em outra escola pública em Brasília. Então: “Ah, tudo bem.”

O ensino público em Brasília era excelente. Saindo da escola, chegou um carro oficial chapa branca com motorista, do qual desceu um adolescente arrogante, com as pernas tortas, que se chamava Fernando Collor de Mello⁶. Ele chegou com uma carta e eu só observando com minha amiga, escorada na porta, conversando sobre como que eu faria na

outra escola e tudo mais. Então, esse Fernando Collor de Mello entra com o diretor da escola. Ele vinha com uma carta do pai dele, que era senador, pondo ele lá. O diretor foi obrigado a aceitá-lo, acho. Não sei o que a carta dizia, mas o diretor ficou com raiva e veio a secretária atrás de mim e disse: “Ei, você! Vem cá! O diretor mandou te chamar.” (Risos) Ele ficou puto! Imaginei ele se martelando: “Eu dispensei a caipirinha lá, interiorana e esse cara vem aqui botando banca? Ah! Chama a caipirinha, né?!” Aí eu entrei.

No vácuo do Fernando Collor de Melo!

Então fui colega do Heleno Correa. Fui colega da Tizuka Yamasaki⁷. Da Malui Miranda⁸. Esse povo era todo do CIEM. O Norton, irmão do Honestino, foi meu contemporâneo. O Honestino Guimarães foi um presidente da UNE. Ele e seu irmão foram lideranças da UNE. Honestino foi preso e assassinado pela ditadura. Assassinato nunca esclarecido, mas consta que ele foi jogado pelos aviões da FAB⁹ no mar.

6 Em 1989 Fernando Collor de Mello será eleito presidente da República. Será afastado em 1992, através de um impeachment. Quando este livro estava sendo editado, Collor era senador da República.

7 Tizuka Iamasaki é uma cineasta brasileira.

8 Marlui Miranda é uma cantora e compositora brasileira.

9 Força Aérea Brasileira.



Fui colega do Heleno Correa. Fui colega da Tizuka Yamasaki. Da Malui Miranda. Esse povo era todo do CIEM. O Norton, irmão do Honestino, foi meu contemporâneo. O Honestino Guimarães foi um presidente da UNE. Ele e seu irmão foram lideranças da UNE. Honestino foi preso e assassinado pela ditadura.

E era muito bacana, o currículo tinha suas matérias todas integradas. Eu vinha de um primeiro ano colegial em Guaratinguetá, onde na aula de português a gente passou um ano inteiro estudando *Os Lusíadas* de Camões, né? Quando cheguei lá, o texto da aula de português era *Pedro Pedreiro*, a música do Chico Buarque. Ou seja, abriu minha cabeça.

Eu entrei em contato com a esquerda clandestina. Era ditadura já, ditadura feroz. Em 1967, os partidos de esquerda sobreviviam na clandestinidade. O PCB, por exemplo, estava todo mundo preso. Havia os grupos armados, inclusive com gente desta escola integral. Circulava algum jornalzinho clandestino.

Assim, entrei em contato com a esquerda e passei a ler alguns livros marxistas. Textos como *Salário, Preço e Lucro*, li nessa época. Passei a receber uma influência muito grande dos grupos trotskistas. Havia um que sobrevivia apesar de toda a repressão, um que era bem maluquinho, o Partido Operário Revolucionário Trotskista, Posadista, o POR-T¹⁰. É.

O Heleno¹¹ participou... O Gastão¹² participou. O Heleno, na verdade, nunca entrou, ele era área de influência. Ele sempre mais exigente intelectualmente, enquanto eu ia de braçada. Era o que tínhamos para aquele almoço, entendeu? Era esse grupo aí. Que vinha com seu jornalzinho da Quarta Internacional, com foice e martelo e a gente achava o máximo.

Em seguida, participei de alguns grupos que faziam reuniões clandestinas no campus, todos com muita dificuldade, pois havia muita repressão violenta. As pessoas morriam, eram presas, gente tentando fugir do país, barra

10 O Partido Operário Revolucionário Trotskista foi fundado em 1953. De uma de suas dissidências origina-se o grupo O Trabalho, que atua no Partido dos Trabalhadores.

11 Heleno Rodrigues Corrêa Filho, médico sanitário e professor universitário.

12 Gastão Wagner de Souza Campos, médico sanitário e professor universitário.

pesada. Em 1967 já muito tenso e a entrada do AI-5 em 1968, o meu terceiro ano... Enrijeceu mais ainda, foi quando ocorreu a invasão na UnB e o fechamento do Congresso. Alguns filhos de deputados que foram cassados eram meus colegas.

Que ano você entrou lá?

Lá entrei em 1967, na época do AI-5. No auge da ditadura.

Em 1968 estava dentro da Universidade, quando foi invadida. Essa escola (CIEM) era na entrada do campus da Universidade. E foi nessa escola que os caminhões do Exército chegaram. Quando se diz que o exército não participou da invasão da UnB, participou. Sou testemunha ocular destes caminhões parando ali na escola. Aquilo tudo era cerrado. A UnB estava sendo construída, alguns prédios, mas nem tudo (estava pronto). Então tinha muito cerrado, muito mato e tal. E os caras pararam ali e apontaram as metralhadoras para dentro da Universidade. Eu vi isso. Ficamos lá recolhidos dentro da nossa escola enquanto estava havendo a invasão.

“
Quando se diz que o exército não participou da invasão da UnB, participou. Sou testemunha ocular destes caminhões parando ali na escola. Aquilo tudo era cerrado. A UnB estava sendo construída, alguns prédios, mas nem tudo (estava pronto). Então tinha muito cerrado, muito mato e tal. E os caras pararam ali e apontaram as metralhadoras para dentro da Universidade.

A invasão destruiu vários laboratórios, pois o exército chegou quebrando tudo. E um estudante foi baleado na cabeça. Ele sobreviveu, mas ficou com problemas neurológicos graves.

Foram episódios fortes de 1968: a invasão e o fechamento do congresso. Me lembro bem que no dia anterior houve o discurso do Márcio Moreira Alves, o qual ecoou durante muito tempo entre a gente.

Tudo isso, com a complicação de que meu pai era da Aeronáutica. Ainda que de uma área “mais técnica” e não ligada a movimentos reacionários. Ele teve amigos que inclusive foram cassados. Meteorologista, ele trabalhava para implantar as primeiras estações meteorológicas do Brasil, numa época que a meteorologia dava os primeiros passos,

não existia a fatura de fotografia de satélite. De uma área técnica, todavia inserido em todo esse clima. Cada vez mais eu me orientava à esquerda, era difícil para mim. Meu pai, era um cara culto, intelectualmente interessante, gostava de poesia, de ópera, de música clássica, mas politicamente muito conservador. E até discutia, mas eu omitia minhas opiniões. Sobretudo, ele tinha medo.

Ainda não estava organizada, isso foi só quando ingressei na Faculdade. Mas tinha simpatia enorme pelos grupos de esquerda. No segundo ano de Faculdade que comecei a me organizar.

Acho legal a gente falar mais sobre 1968, pois foi um ano muito importante pra mim, mas um ano muito importante no mundo e no país. Em 1968 eu estava no terceiro ano do ensino médio. No CIEM. Na Escola de Aplicação da UnB, em Brasília. Essa escola funcionava no terreno do Campus Universitário. Convivia muito no clima universitário, frequentava a biblioteca da UnB, comia no refeitório da UnB.

Primeiro foi uma ebulição, que foi a morte do Edson Luís¹³. Era um menino secundarista, de 16 anos, que durante as manifestações do Rio de Janeiro, pela melhoria das condições de alimentação estudantil, baixou a polícia e ele morreu. Assassinado com uma bala.

Isso repercutiu. Preciso recuperar isso para compreender o clima da invasão da UnB, que foi a de 1968, foi a terceira e mais grave invasão da universidade. Lembrando que a UnB tinha como reitor Anísio Teixeira¹⁴ e havia sido construída e bolada por Darcy Ribeiro¹⁵ e Anísio. Isso que eu havia dito sobre a Escola ter nascido pautada nessa interdisciplinaridade, super avançada para época, efervescente, logo em seguida veio a ditadura e pega essa coisa.

Lembrei disso, pois hoje lia “As questões do ódio à

13 Edson Luís de Lima Souto (1950-1968). Assassinado no dia 28 de março, no restaurante Calabouço (RJ).

14 Anísio Teixeira (1900-1971), educador brasileiro e gestor público.

15 Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, senador e gestor público.

universidade” deste governo Bolsonaro e naquela época o mesmo ódio às universidades era exacerbado. A UnB era um polo desse ódio, pois nascera com Anísio e Darcy, com uma proposta de currículo super inovadora.

Não apenas toda a interdisciplinariedade, como antes contei a vocês que os estudantes de Medicina faziam disciplinas na Antropologia, trocávamos de departamento, não havia um departamento estanque, mesmo na Medicina. Que dirá nas outras. Difícil de quebrar isso. Não apenas a interdisciplinaridade, mas também a oportunidade de montar seu próprio currículo. Matérias opcionais, você podia escolher. Isso começava nessa escola de ensino médio, o CIEM.

Por exemplo, você ia fazer o inglês, você podia optar pelo inglês técnico, se o seu curso caso fosse algo como uma Engenharia, ou você podia optar por inglês literatura. Eles te davam essa oportunidade.

Educação física, né? Eu odiava. Como toda pessoa de esquerda. Pelo menos as que eu conheço detestavam educação física. Mas você podia optar por várias coisas. Fui então fazer Judô! Umas coisas assim.

Não era muito do lar isto.

Não... Não mesmo. Então, assim, a UnB provocava a ditadura de uma maneira, que os generais, os gorilas odiavam aquela universidade. Eles queriam acabar com aquilo.

Assassinado pela polícia, morre o Edson Luis. O movimento estudantil entra em efervescência, logo no começo do ano, acho. A efervescência deu na passeata dos cem mil, culminando em vários movimentos universitários. Por exemplo, subia o preço do restaurante universitário, o pessoal tomava aquilo como motivo para organizar movimento estudantil, fazer ajuntamento do povo, fazer crítica e tal.

Em Brasília aconteceu isto, um movimento para protestar contra a morte do Edson Luis, contra a degradação

das condições da Universidade, demissão de professores e mudanças curriculares, que regrediam aquilo que havia sido conquistado. Tal movimento fortíssimo desembocou com a invasão da Universidade, antes ainda do AI-5, decretado no final do ano, início de dezembro.

A invasão foi terrível, terrível. Eu lembro do Honestino e do que foi baleado, o Valdemar¹⁶. Levou um tiro e ficou meses internado. Na invasão, a polícia entrou com o Exército. Quebraram muitos laboratórios, entraram arrebrandando! Estragaram livros, sala de professores e o que havia dentro delas. Arrebrandaram a Universidade. Em seguida, vários professores foram cassados, demitidos. Anísio deixou de ser reitor e eu no ensino médio, assistindo tudo que se passava com a Universidade em que em breve eu ingressaria. Tempo desesperador esse.

Chegando no fim do ano, chega o AI-5 e um pouco antes acontece o discurso do Márcio Moreira Alves¹⁷. Ele estava sendo julgado pelo discurso. Ele fez um discurso que provocava os generais, houve um evento para o seu julgamento e culmina o AI-5. Então 1968, foi ano muito complicado, eu me preparava para o vestibular.

A gente viu uma foto dos estudantes assim ó, com os pés, as mãos atrás da cabeça.

É. Eles pegaram e prenderam centenas, uns trezentos estudantes no campo de basquete. Numa praça de esporte que tinha lá. Levaram presas 60 pessoas.

Nossa, me lembra o Chile.

A desculpa da invasão era uma ordem de prisão para o Honestino, seis estudantes entre eles o Honestino.

16 Valdemar Alves da Silva Filho. Maiores informações em <https://www.noticias.unb.br/artigos-main/2475-50-anos-da-invasao-da-universidade-de-brasilia-a-luta-por-democracia-ontem-e-hoje>

17 Márcio Emanuel Moreira Alves (1936-2009). Maiores informações podem ser lidas aqui: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/marcio_moreira_alves

Nessa época, Honestino era ainda da FEUB, Federação dos Estudantes Universitários. Só depois que ele foi pra clandestinidade, se formou, foi pro Rio e aí que virou presidente da UNE.

Esse ano não vi isso de longe, mas de perto. Estava no Ensino Médio, mas não era universitária. Todavia, frequentava muito. Biblioteca, o restaurante universitário.

Todo dia na hora do almoço eu ia na Biblioteca da Universidade, convivía com as pessoas.

Como a escola era um pouco mais alta que o campus, da nossa escola vimos toda a invasão naquela agonia de tentar avisar, mas para avisar teríamos que passar pela polícia. Vimos o exército deitar no chão com a metralhadora, como se fosse campo de batalha. Do outro lado era estudante fazendo movimento pela qualidade de ensino e tal. Dramático. E a gente vendo isso acontecer.

Em 1969 entramos na UnB. Depois disto tudo. Pegamos esse rescaldo.

Que tempo “ótimo”!

Que idade maravilhosa, né?! Época bastante difícil. Me lembro bem dessa época, lembro de uns dados estatísticos da saúde que bem gravei. Por exemplo, o Brasil tinha doze milhões de pessoas com Esquistossomose, dez milhões com Chagas.

Numa população de 90 milhões.

É. No sertão de Pernambuco, a mortalidade infantil era de duzentas e cinquenta por cada mil crianças que nasciam vivas. A gente queria denunciar isto, mas depois de 1969 denunciar era proibido. Púnhamos as notícias publicadas nos documentos científicos no mural, pregávamos de madrugada para a estudantada ver quando chegasse logo cedo, em



Púnhamos as notícias publicadas nos documentos científicos no mural, pregávamos de madrugada para a estudantada ver quando chegasse logo cedo, em seguida, as dez horas da manhã já haviam arrancado, o diretor da faculdade mandava tirar. Era denúncia de dados epidemiológicos. Como se hoje não se pudesse falar “morrem tantas pessoas de Dengue” num boletim epidemiológico de Campinas.

seguida, as dez horas da manhã já haviam arrancado, o diretor da faculdade mandava tirar. Era denúncia de dados epidemiológicos. Como se hoje não se pudesse falar “morrem tantas pessoas de Dengue” num boletim epidemiológico de Campinas. E era tudo verdade. No sertão de Pernambuco morriam 250 crianças em cada mil que nasciam, de fome, de doença, de sarampo, diarreia. Agora está voltando tudo.

É engraçado que, mesmo com essa opressão tremenda, não tinha pessimismo da gente, eu não lembro... É... A gente era jovem com dezoito anos, entrando na Universidade, que apesar dos pesares, tinha um currículo inovador, vindo de uma escola de Ensino Médio bastante provocativa e inspiradora para pessoas da nossa idade. Apesar da militância, a gente tinha alegria. Apesar dos nossos amigos estarem sendo... quem foi colega minha também foi a Maninha¹⁸. Tenho até uma foto de formatura ao lado dela. Ela foi presa nessa época. E outros colegas também. O Heleno e Gilson foram presos no segundo ano. Foram presos em função do movimento que fizeram nas férias, resultado do aumento significativo do valor da refeição no restaurante universitário, algo como cinco vezes. O movimento contra esse aumento, pois o movimento estudantil sempre inicia a partir de uma questão universitária e depois que se expandia. E os dois foram presos. Isso já era 1970.

Ano de Copa. 1970. Eu lembro, pois quando eram presos, a nossa prioridade era saber onde estavam e em seguida visitá-los, forçar a barra para declararem onde estavam, pois a partir da visita...

Suspendia-se a tortura, ao menos em tese.

É. Em tese. Ficava mais controlada. Os dois estavam presos em uma delegacia em Brasília. Fomos visitar. Heleno fez vinte anos preso. Levamos um bolo de aniversário pra

¹⁸ Maria José Conceição, mais conhecida como Maninha, foi deputada federal eleita pelo PT. Hoje está no PSOL.

ele e na entrada, eu lembro bem dessa história, os policiais estavam assistindo um jogo da Copa, torcendo pelo Brasil e nós putos da vida com o Brasil. Passamos por isso nestes anos. Então, ao mesmo tempo que a gente tinha toda essa... O Heleno, o Gilson e o Abaetê¹⁹, foram três colegas da Medicina que foram presos – Abaetê morreu num desastre de carro depois – esses três foram presos e não chegaram a ser julgados. Não havia acusação suficiente contra eles, pois não conseguiram... Não tinha acusação contra eles.



Sabíamos que tinha dedo duro na nossa classe. A UnB foi um celeiro de esquerda, mas também um celeiro de arapongas! Tinha muita. Era horrível, pois se desconfiava de todos, dos próprios colegas. Tínhamos muito medo: se o cara fosse um pouco mais esquisito, você já achava que ele podia ser dedo duro e tinha que ter medo mesmo.

Por exemplo, o outro medo que tínhamos era que vissem que ele era ligado à alguma organização, porque o Gilson, que recebia os jornais da quarta internacional, era trotskista posadista. Fazia-se necessário cortar esse rastro. Se eles percebessem uma ligação com a esquerda ou uma ligação orgânica com um partido, era barra pesada, mas se fosse “apenas movimento estudantil” era relativamente mais fácil. Por fim, conseguimos encobrir o vínculo.

Sabíamos que tinha dedo duro na nossa classe. A UnB foi um celeiro de esquerda, mas também um celeiro de arapongas! Tinha muita. Era horrível, pois se desconfiava de todos, dos próprios colegas. Tínhamos muito medo: se o cara fosse um pouco mais esquisito, você já achava que ele podia ser dedo duro e tinha que ter medo mesmo.

Gilson e Heleno foram dedurados por colegas. Durante o interrogatório viram que aquilo tinha (informação) de gente da classe deles. Haviam bilhetinhos que passavam na classe que essa pessoa interceptou. Maluco. Era louco.

Para além, estudávamos Medicina, estudávamos pra caramba, éramos bons alunos, queríamos ser bons profissionais. Foi uma luta.

19 Abaetê Sassi.

Você fez o vestibular para medicina. O que significou fazer Medicina pra você?

Então, o que é a Medicina pra mim? Também é algo antigo. Essa coisa de cuidar de gente era uma grande coisa pra mim, desde muito pequena. Eu gostava muito de cuidar de pessoas. Também acho que tem uma influência da minha avó muito forte.

Até os seis anos morei com a minha avó. Uma avó cristã, solidária, cuidadora. Quando adoecíamos na família, ela quem cuidava. Tinha uma injeção de seringa de vidro que fervia numa caixinha de metal com água, para aplicar em todo mundo. Não sei como nunca aconteceu nada, não tinha nada descartável. Minha avó chamava Haydée.

Por isso, eu tinha vontade de ser cuidadora, brincar de boneca para mim não era fazer comidinha, era engessar um braço. Fazia uma massa com papel higiênico e engessava os braços das bonecas. Então queria cuidar e por isso, fui fazer medicina.

Na boca do vestibular, em 1968, eu fiquei com medo de não passar. Medicina já era bem difícil de ingressar. Eu queria entrar na faculdade de qualquer jeito, pois não queria perder o contato com a militância que estava se abrindo para mim. Dei uma titubeada e disse “vou fazer algo mais fácil, que tenha certeza que vou passar”. Fiz inscrição para Jornalismo.

Tinha um namorado nessa época que me deu uma bronca, disse pra mim: “Sua covarde! Que covardia! Você quer medicina, e vai fazer isso por medo de não passar? Vai fazer o que sempre quis, que bobagem!”

Naquela época não tinha três opções, passou ou dançou. Então ele me deu essa bronca e eu achei que ele tinha razão. Fui lá e fiz. Passei em terceiro lugar na UnB,



Eu tinha vontade de ser cuidadora, brincar de boneca para mim não era fazer comidinha, era engessar um braço. Fazia uma massa com papel higiênico e engessava os braços das bonecas. Então queria cuidar e por isso, fui fazer medicina.

sem cursinho, direto do colégio e ingressei com 17 anos na Universidade. Em primeiro lugar foi o Gilson²⁰, que veio a ser meu companheiro e que era do POR-T. Que foi preso em 70, junto com o Heleno.

Entramos em 1969, depois do AI-5, depois da UnB sofrer a invasão de 1968 e o expurgo de alguns professores de esquerda que foram violentamente afastados. Outros saíram do Brasil, mas ficaram alguns. E entrei numa Universidade onde o currículo da Medicina, em 1969, no meu primeiro ano de Faculdade, era super progressista.

No Básico, já fazíamos matérias de Antropologia, matérias nas Humanas. Não eram os professores da Humanas que vinham no Departamento de Saúde Coletiva, ficar lá na bolha. Nós que saíamos e íamos fazer com nossos colegas. Fora. Tanto no Departamento de Psicologia, quanto nas Humanas. É... o currículo era assim. Fazíamos um Básico junto com todo mundo. Era junto com Farmácia, com Biologia. Um Ciclo Básico comum. Não era aquela coisa “da Medicina”. Já era multiprofissional o Ciclo Básico. Depois que a gente ingressava no terceiro, quarto ano em diante, entrávamos e fazíamos as matérias por blocos. Não tinha Anatomia separada. Fazíamos, por exemplo, Sistema Nervoso e aí era tudo do Sistema Nervoso: Anatomia, Fisiologia, Patologias, tudo junto. Sistema Cardio Respiratório: tudo junto, integrado. Entendia-se o Sistema. Era assim o currículo, ainda que já sofrendo desmontes. Eu ainda cheguei a pegar esse currículo super avançado, que hoje em dia algumas Faculdades de Medicina tentam fazer. Foi muito interessante.

Também os professores eram muito interessantes. E, particularmente, colegas muito interessantes. A gente viveu tudo isso lá dentro da UnB, apesar de toda repressão e ditadura. Por isso que dá esperança na gente, naquela época tão dura. Havia efervescência lá dentro da Universidade, no meio cultural, quero dizer, saíamos pra ver os filmes da

20 Gilson Dantas Santana, médico sanitário.

época. As coisas mais progressistas que existiam na época. Íamos juntos ao cinema. Íamos discutir junto. E lá as matérias se chamavam Citologia I, Citologia II e a gente dizia que fazia Grama I e Grama II, porque tinha aqueles gramados. Tô no Grama I! Tô no Grama II. Porque ali era onde a gente sentava e discutia política, discutia a Medicina, a Faculdade, o próprio currículo. A gente era muito contestador.

Aí, dentro da Faculdade, me vinculei mais fortemente a esse partido, o POR-T. Comecei a ler Trotsky,²¹ *História da Revolução Russa*, Isaac Deutscher²², essas coisas. Então, duas coisas foram marcantes no campo profissional.

Uma viagem que fiz com meu pai, no avião da Aeronáutica, para o Xingu. Meu pai ia fazer uma estação meteorológica lá e eu tinha muita vontade de conhecer e fui. Fui ver as populações. A aeronáutica atendia algumas populações. Levavam médicos e davam atenção a populações ribeirinhas e indígenas. E eu fui junto e fiquei horrorizada com a situação. Fome, doença, sem assistência, aqueles paliativos. O povo levando as amostras grátis. Quebrando o galho de qualquer jeito, com o que tinha. Muita parasitose, coisas assim. Me marcou muito. Queria fazer isso na vida. Cuidar de gente que precisa mesmo ser cuidada. Não quero fazer Medicina como mercado, jamais. Não é isso que me interessa. Quero cuidar das pessoas que precisam ser cuidadas.

E outra coisa bacana que teve era o que chamavam de Ambulatório Rural da UnB. Era um Ambulatório não propriamente rural, ele era periférico. Era na periferia de Brasília, próxima a um hospital universitário²³. E lá havia uma



Queria fazer isso na vida. Cuidar de gente que precisa mesmo ser cuidada. Não quero fazer Medicina como mercado, jamais. Não é isso que me interessa. Quero cuidar das pessoas que precisam ser cuidadas.

21 Leon Trotsky (1879-1940), revolucionário russo.

22 Isaac Deutscher, autor de várias obras, entre as quais uma biografia em três tomos sobre Leon Trotsky.

23 A denominação oficial era Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho. Mais dados em <http://www.dpo.unb.br/imagens/>

professora, daquelas que eu-quero-ser-igual-ela-quando-crescer, sabe? Chamava Flora. Fazia um trabalho e atuava como uma médica de família hoje. Pois fazia uma clínica geral e uma clínica ampla. Cuidava das pessoas, visitava as pessoas e as conhecia. E eu falei: “Ah é assim que eu quero ser.” Isso em 1970, 1971, 1972, por aí.

A gente ficou muito influenciada por esse grupo de esquerda trotskista que tinha lá dentro, que era o Heleno, o Gilson, eu, então. O Luiz Cecílio²⁴ que tinha vindo de Uberaba...

Como você conheceu o Luiz Cecílio?

O Luiz eu conheci no primeiro ano. Veio de Uberaba, caipira. Ele ficou muitíssimo assustado com o grupo nosso, que vinha do CIEM. Ele falou: “quê que esse povo tá falando?” A gente falava: “Ai! Que raciocínio teleológico!” Ai ele dizia: “Aiii! Quê que é isso?... Como que esse é povo é sabido!” E nós todos com 17, 18 anos. Né?! E com a postura de esquerda que já tínhamos. Ele ficou muito assim... Vinha de Uberaba, de uma família libanesa e mineira. Sabe o que é isso? Você sabe, né, Fran? Libanesa mineira!

Então ele ficou muito assustado, porém muito atraído pela gente. Ficou nosso amigo. Então eu comecei a conhecê-lo, a namorá-lo no quarto ano. Que antes eu namorava outro, um cara que virou um reacionário, muito ruim. Fui me afastando. Namorava no primeiro ano e fui me afastando.

A efervescência das nossas discussões era muito grande. Nós infernizávamos a vida dos professores, ainda que fossem progressistas os professores. Nós queríamos mais e mais e mais. Por exemplo, lembro que quando terminávamos o Ciclo Básico, havia um curso chamado de Agressão e Defesa ao Organismo Humano e a gente aprendia todas as formas de agressão, biológicas e sociais. E todas as formas de defesa.

phocadownload/documentosdegestao/relatoriogestao/ate1979/RelatorioAtividadesUnB1970.pdf

24 Luiz Carlos Oliveira Cecilio, sanitaria e professor universitário.

Então cada um entregava um trabalho para esse curso.

O meu trabalho, olha só, escolhi por entrevistar as crianças do Plano Piloto de Brasília, ou seja, onde moram os filhos de deputados, filhos de senadores, pessoal da alta burocracia. E entrevistei crianças de uma escola bem periférica, sobre o que elas haviam comido no dia anterior. Pesava e media todas essas crianças de sete anos de idade, no primário. As comparava com as do Plano Piloto, sobre as diferenças entre a quantidade de caloria, a de proteína e era esse meu trabalho.

A escola foi importante pra mim. Os colegas, dos movimentos sociais, do teatro, do cinema, muita coisa rica acontecendo, apesar da ditadura, o pessoal de esquerda da Medicina. Minha turma era uma de cem alunos, mas quem tinha identidade com a gente eram (uns) dez ou quinze. Esses que topavam nossa visão da medicina. E com essas pessoas a discussão ia muito longe, o que que nós faríamos da medicina. Não queríamos aquilo.

Os professores da UnB não tinham “dupla militância”. Nenhum professor da minha Faculdade tinha consultório particular ou trabalhava em algo privado. Eles eram professores e trabalhavam inclusive em tempo integral. Isso já era forte.

Todavia, dentro da minha turma já tinham aqueles que sonhavam com o seu consultório cheio de equipamentos acendendo luzinhas, pilotando equipamentos bem caros, já tinha muita gente nessa. E mesmo os que não tinham a menor preocupação social com a profissão. Em uma época em que o Sistema de Saúde no Brasil era cruel. O que víamos era cruel. O que se podia atender no Hospital Escola. E Brasília era privilegiada, pois tinha uma rede de hospitais públicos, mas não tinha uma rede de atenção básica.



A escola foi importante pra mim.

Os colegas, dos movimentos sociais, do teatro, do cinema, muita coisa rica acontecendo, apesar da ditadura, o pessoal de esquerda da Medicina. Minha turma era uma de cem alunos, mas quem tinha identidade com a gente eram (uns) dez ou quinze. Esses que topavam nossa visão da medicina.

Então a gente saía dali e, ou tinha assistência da caridade, como a da Santa Casa, ou algum Hospital Universitário, ou não tinha nada. Era muito duro. E mesmo assim, tinha colegas que passavam em branco sobre essa questão, não se tocavam. Era uma paisagem: assim que é o Brasil.

Esse grupo de pessoas com o qual eu me aproximei, era um grupo que via o Sistema de Saúde como o maior problema a ser enfrentado pela gente, como estudante de Medicina. Os estudantes de Medicina tinham muita, muita discussão sobre isso.

Tinha, por exemplo, muita desnutrição. Brasília está incrustada ali em Goiás. Tinha um Centro de Recuperação Nutricional para onde iam as crianças desnutridas com suas mães e irmãos e passavam o dia lá. As próprias mães faziam as comidas, sob orientação de nutricionistas e tal, alimentavam as crianças, até elas se recuperarem. Crianças desnutridas gravemente, com doenças que hoje não vemos mais. Mas que tinham o Kwashiorkor ou Marasmo²⁵, as formas de desnutrição bem aberrantes que existiam na época. E esse centro nutricional era dirigido por um dos professores mais progressistas que havia na Faculdade. E ele fazia assim: as mães iam e levavam os irmãos, levava a criança doente e todos os irmãos, passavam o dia lá. E trabalhava questões de saúde. Todo o tempo que precisava para aquela recuperação. Aquilo me encantou. Eu falava: eu quero fazer uma coisa materno-infantil. Quero cuidar dessa área, me deslumbrava assim, algo que tivesse as crianças e as mulheres juntas.

Assim comecei minha trajetória na Medicina e na Esquerda. Então, quando foi se aproximando a época da formatura, já estávamos mais vinculados ao partido trotskista,

²⁵ São formas de desnutrição energético-proteica (DEP) que promove diversas alterações fisiológicas na tentativa de adaptar o organismo à escassez de nutrientes. Crianças com edema que pesam entre 60-80% de peso esperado para a idade são classificadas como tendo kwashiorkor. Aquelas sem edema pesando menos que 60% de peso esperado para a idade são consideradas marasmáticas.

um partido muito clandestino.

As mesmas pessoas? Ou já havia mais gente?

Nada! Tinha menos. Dentro da Faculdade tinham esses amigos. Dentro do partido tinha eu, o Gilson, pessoa extremamente inteligente, o tal que passou em primeiro lugar, um grande dirigente desse partido, digamos, Luiz Cecílio e mais algumas pessoas. Heleno chegou perto, mas acabou se afastando na época de se formar. O Gastão era próximo. Que ele vinha um ano depois da gente. Mas estava lá dentro e era próximo. Sabe quem tava nessa turma? O Arlindo Chinaglia²⁶.

O POR-T era muito pequenininho. Tinha gente em São Paulo, no Rio Grande do Sul e na Argentina. Mandavam muito material pra gente ler e nós nos comunicávamos. O próprio Posadas, o nosso “guru”, desse partido, morava na Argentina.

Quando terminamos o quinto ano, escolhíamos se íamos para um Hospital Escola ou para um Hospital da Cidade Satélite. E nós optamos por ir, eu, Luiz e Heleno, para um Hospital de Cidade Satélite, por acreditar que aí viveríamos mais a realidade, havia preceptores, mas fora da bolha de excelência do Hospital Escola. O hospital de Taguatinga, recém-inaugurado na época, bem periférico em Brasília. Fizemos lá o sexto ano.

Então, no fim do sexto ano, eu já ia fazer inscrição em residência de pediatria e o Luiz em clínica geral, clínica médica. Já estávamos inscritos e tudo mais. Todavia veio uma ordem do Partido para que fôssemos para São Paulo. Pois éramos novos: eu com 23, quando me formei e Luiz, com 24. E então foi definido que precisávamos entrar na USP, pra fazer outra coisa na USP. Nem que a gente trabalhasse, como

²⁶ Arlindo Chinaglia, médico e deputado federal (PT SP), fez parte da turma Barra 70, como se pode ver aqui: <http://1.bp.blogspot.com/-KA3mxDaPDik/Vjafkg3rRFI/AAAAAAAAABxg/5jO-V3TNfso/s1600/festa2015.jpg>

médico, de dia. Era para entrar na USP para o noturno, para fazer movimento estudantil. E assim fizemos.

Tínhamos “uns trenzinhos”: uma geladeira, umas coisas, TV nunca tivemos. Vendemos, doamos. E com a cara e a coragem viemos pra São Paulo. Fomos trabalhar em uma Medicina de Grupo em Santo André. Fomos morar em Santo André. Luiz chegou a trabalhar no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o Sindicato do Joaquinzão²⁷, como médico.

Como tinha aquela história de, já tendo o diploma universitário, se podia entrar noutra faculdade, desde que houvesse vaga, foi assim que entrei na Geografia da USP e o Luiz na Ciências Sociais. Pra poder fazer Movimento Estudantil. Fiquei um ano na FFLCH²⁸, mas eu engraidei em seguida.

Onde você morava em São Paulo?

Morava em Santo André. Num bairro operário de Santo André. E era muito louco, pois éramos médicos de dia, normalzinho, ganhando um salarinho de médico daquelas medicinas de grupo da época. Pegava esse salário, tirava o dinheiro da feira e dava o resto pro partido. E de noite ia de trem estudar na USP. De trem. Longe pra caramba. Sei lá quantas horas de trem. Chegava lá e ainda subia no ônibus e ia pra USP. Era uma vida bem sacrificada.

E vocês terminaram nisso?

Não não, isso foi um ano. O Luiz ainda foi um pouco mais. E a gente era bem louco. A decisão de parar foi a decisão de sair desse partido. Assim, foi muito questionamento. Me formei em 1974, isso era em 1975. Saí da UnB e já entrei na USP, nessa militância. Aí, aconteceram coisas.

Primeiro que a gente foi pra São Paulo, onde havia mais agitação. Mais opções. Víamos o desdobramento maluco desse partido. Quando conversamos, eu e Luiz, sempre

27 Joaquim dos Santos Andrade (1926-1997) foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

28 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

falamos como foi muito louco, nos sacrificamos muito, mas a gente não se arrepende. Assim, esse partido nos ensinou muito. O desprendimento militante, sabe? Exercitamos muito isso. Acho isso bom. Foi bom. Nos tirou de um comodismo. Mas foi assim, pesado.

Quando eu engravidei, eu queria engravidar. Eu havia parado com a pílula desde o sexto ano, mas nunca, fazendo tudo isso, não ia dar. Maluca, né? Queria engravidar. Gosto muito de criança, queria muito ser mãe. E então parei, me formei grávida. Nesse processo de mudança para São Paulo, eu estava grávida. E esse partido não queria. Não queria gravidez. Não achava conveniente que os militantes tivessem filhos. Eu disse: “Não, mas eu vou ter”. E eles: “Mas não pode.” Foi a minha opção pequeno-burguesa do momento. E e começamos a desencantar com essa coisa. Estava demais. Sair de Brasília, largar a residência até aí vai.

Mas não foi só isso. O culto excessivo à liderança do Posadas. Essa coisa da clandestinidade é de lascar. Você fica só com aquelas pessoas. Tínhamos uma casa em Santo André que era semi-clandestina, pois tinha uma pequena gráfica em nossa casa. Pra lá iam pessoas que saíam da prisão, também. Não era bem lá, a nossa casa. Começamos a ver o comportamento desses companheiros, quem nós idealizávamos, os companheiros de São Paulo, as grandes lideranças. Começamos a ver um comportamento contraditório na vida. Isso foi nos desiludindo um pouco, fomos vendo outras opções de militância, começando a ter alguma abertura. O Movimento Renovação Médica começava a se articular, enxergando a possibilidade de se juntar a nossa profissão, de que gostávamos, com a militância.

Porque até aí parecia uma coisa impossível. Você é médica da Medicina de Grupo, uma coisa bem ruim, como tinha no ABC. Eu trabalhava num Ambulatório onde tinha que atender 32 crianças de oito até o meio-dia. Precaríssimo, né. Ruim, de má qualidade. Restringindo exame. Aquela

coisa de Medicina de Grupo.

Éramos uns médicos assim, tudo contraditório com o que queríamos e uma militância como estudante meio clandestino na USP, onde ninguém sabia que a gente era médico. Esquisito, descolado. Muita gente nessa época de clandestinidade fazia essas loucuras. Vendo a possibilidade de juntar as coisas, para nós, para mim, era muito bom. Fazer uma militância através da minha profissão. São Paulo foi isso pra gente.



Éramos uns médicos assim, tudo contraditório com o que queríamos e uma militância como estudante meio clandestino na USP, onde ninguém sabia que a gente era médico. Esquisito, descolado. Muita gente nessa época de clandestinidade fazia essas loucuras. Vendo a possibilidade de juntar as coisas, para nós, para mim, era muito bom. Fazer uma militância através da minha profissão.

Você então foi se deslocando do partido e fazendo outras coisas?

Isso, deslocando. Saímos de Brasília e fomos pra São Paulo primeiro. Quando encontramos parecia que sair do PORT era renegar a esquerda, pois era, parecia que era a única coisa que tinha na época. Não no sentido da crítica da própria maneira, da própria forma de militar, mas como se estivéssemos abrindo mão de ser de esquerda. Negando. “Tá virando pequeno burguês, queria ser médico.”

Não era isso. Era uma coisa muito ruim. Fomos nos desligando e Gastão também, cheio de críticas. A gente saiu praticamente junto, sem tá junto. O Gastão havia ficado em Brasília. E fomos nos aproximar do David Capistrano²⁹, que era o partidão³⁰ renovado. Ainda era partidão, mas era um partidão que queria ser partido de massa. Depois aproximou-se do PT. Ficamos alguns anos próximos ao partidão e depois entramos, quando já havíamos vindo para Campinas. Havia mais opções. Não precisava ser tão maluco para ser militante

29 David Capistrano (1948-2000), médico sanitário, foi secretário de saúde e prefeito de Santos (SP).

30 Partidão é o apelido dado, depois do golpe militar de 1964, ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).

de esquerda. Não precisa ser tão maluco assim.

Você deixa de trabalhar nesse plano privado... O que que você faz? Você vai se sustentar como?

Então, o Luiz continuava trabalhando em Sindicato. Primeiro ele trabalhou no Ambulatório da Rhodia em Santo André. Depois quando rompemos ele foi pro Joaquinzão, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. E isso nos dava sustento. Em seguida, trabalhamos numa coisa que chamava SUDELPA. A SUDELPA era a Superintendência do Litoral Paulista, uma estatal para promover o desenvolvimento do Vale da Ribeira, pois o Vale da Ribeira tinha tido Lamarca. Então a ditadura criou isso ligado ao governo de São Paulo. Que era uma coisa pra desenvolver o Vale do Ribeira, botar assistência médica, apoiar pequenos agricultores, para se contrapor à esquerda que havia influenciado lá. E nós fomos ser médicos da Sudelpa.

O contrato com a Sudelpa era um negócio interessante. Você ia para um município que não tinha médico residente, três meses no ano. Durante estes três meses, você ficava 24 horas à disposição da população, morando dentro da Santa Casa. Uma pequena Santa Casa com um dez leitos de adulto, acho que oito de criança.

Na cidade de Registro?

Em Cananéia. Registro acho que não, pois era uma cidade grande, mas na Cananéia. Em outras cidades pequenas assim, como havia, Cananéia.

Pariquera Açu?

É. E ficávamos lá três meses, mas ganhava um salário um ano inteiro, era um contrato de um ano. Podiam te chamar a qualquer hora, durante esses três meses, inclusive sábados e domingos, dia e noite. Não se podia sair na cidade, se tivesse um parto, um acidente. E na verdade era um médico que se contratava. Só que eu e Luiz já tínhamos dividido tarefa na

nossa cabeça. Luiz cuidava de adulto e eu de criança. Como havíamos tido nossa experiência no último ano. Aí fomos de dois, um contratado e o outro de graça. Ficamos três meses.

Sáimos de lá brigados. Salvos graças ao padre holandês que havia lá, que nos salvou. Porque fomos pra lá e íamos nos enterrar num buraco, recém rompido com o POR-T. Estávamos estudando de monte, lendo livros de marxismo, estudando muita coisa. E pegamos uma mala de livros de política, marxismo clássico e outras coisas mais que se comprava na época. Levamos essa mala de livros e de Medicina também. Na inocência, chegando lá, montamos nossa estante no nosso quatinho da Santa Casa. E o povo começou a ver.



Chegamos em Cananéia e ficamos horrorizados. O Luiz ficou horrorizado com a quantidade de hipertensão em adulto que era enorme! O povo comia muito sal, muito peixe. E eu com as crianças com parasitose. Era áscaris de sair pelo nariz! A gente queria cuidar, fazer programas... As mulheres não faziam pré-natal, nada. Queríamos fazer tudo direitinho. E aí o cara passou a nos perseguir.

A Sudelpa tinha o hábito de trazer sempre médico cooptado pelo político. Era Arena ou MDB ainda. O político da Arena metia o médico numa kombi e enchia de amostra grátis e saía pelos bairros rurais e saía ali fazendo clientelismo e garantindo sua próxima eleição. Quando chegamos lá e vimos isto, dissemos: “Nãñãninãninã.” Não vamos fazer isso. Não vamos distribuir amostra grátis. Não usamos esses remédios. “Ah! Mas tem muita amostra grátis aqui!” “Nós não usamos esse remédio!” Aquelas tranqueiras de amostra grátis, sabe? daquelas associações, um monte de coisa associada, aquele monte de remédio, sempre quase vencendo. Solicitamos então, que remédios fossem comprados, botamos uma lista pra Santa Casa. E não saíamos em kombi para distribuir remédio. A gente queria fazer programa de hipertensão, pré-natal, por quê?

Chegamos em Cananéia e ficamos horrorizados. O Luiz ficou horrorizado com a quantidade de hipertensão em adulto que era enorme! O povo comia muito sal, muito

peixe. E eu com as crianças com parasitose. Era áscaris de sair pelo nariz! A gente queria cuidar, fazer programas... As mulheres não faziam pré-natal, nada. Queríamos fazer tudo direitinho. E aí o cara passou a nos perseguir.

Ao mesmo tempo, já tínhamos o filho nascido, em julho de 1975. Na missa do Vladimir Herzog³¹ o Tiago foi com três pra quatro meses, de colo. Cheio de polícia. E também foi pra Cananéia. Aprendeu a andar lá, ou não, já andava um pouquinho antes.

Os políticos ameaçaram a gente. Quando viram que não éramos cooptáveis, começaram a nos perseguir, ficaram putos, pois a gente fazia maior sucesso com o povo. A gente andava, visitava as casas, Cananéia era uma delícia! Tinham essas coisas difíceis, mas pra nós era fácil de resolver. Gostávamos muito daquilo, do povo, que era muito amigável, dos pescadores. E conhecemos então um padre holandês.

O padre João³² era um padre de esquerda, esquerdona. Ele que nos salvou. Quando os caras perceberam que não iriam nos cooptar, começaram a pedir na Sudelpa que interrompessem nosso contrato para que fôssemos embora. O padre foi no povo e fez um abaixo assinado, de uma total de quase 7 mil habitantes em Cananéia, zona urbana e rural, ele recolheu algo como 2 mil e quinhentas assinaturas. Um estrondo! Metade da cidade assinou. Entregues as assinaturas, deixaram que nós ficássemos até o fim.

Nossa, que poderoso.

Sim. Ele ficou muito amigo nosso. Ele quem pegou os livros que tínhamos lá. Esses livros eram motivo de denúncia nessa época, 1976. O Padre João pegou os livros e levou para o Bispo de Registro guardar. A igreja lá nessa época era bem

³¹ Vladimir Herzog foi assassinado pela ditadura militar. A missa de sétimo dia em sua homenagem converteu-se em um grande protesto público.

³² Padre João van der Heijden. Maiores informações em <https://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/pessoa/padre-joao-xxx-jan-van-der-heijden-19068>

progressista. Isso era 1976. Depois de Cananéia, voltamos e nos juntamos com o povo da saúde pública. A decisão de sair de lá foi porque o contrato acabou e porque queríamos fazer especialização em saúde pública, voltar a estudar, em São Paulo, mas na Faculdade de Saúde Pública da USP. Voltando à São Paulo, começamos a fazer o chamado curso curto de especialização, um curso que era um convênio com a Secretaria do Estado de Saúde, quando o Walter Leser³³ era Secretário da Saúde. Nesse curso já haviam passado Davi Capistrano, Heleno... E o Gastão veio junto com a gente de Brasília, veio morar na nossa casa e fez o curso junto com a gente.

E Anita?

Anita³⁴ ficou lá porque não tinha terminado psicologia ainda. E depois veio também, expulsa da UnB junto com uma renca de gente. Morávamos em São Paulo eu, o Luiz e o Gastão. E a Caritas³⁵, nossa colega, aqueles dez de Brasília. Petit comitê de esquerda. Caritas veio também para São Paulo, mas para trabalhar com infectologia, trabalhou no Emílio Ribas. Ela não foi pra Saúde Pública, fez infectologia. Hoje trabalha com AIDS. Morávamos nós quatro. Já tinha um filho, mas a casa era meio república. A Anita ficou em Brasília para terminar o que não tinha terminado. Foram expulsos pelo reitor ultra reacionário, um milico. Alguns vieram pra minha casa! Veio Anita, o Olegário³⁶, a mulher dele, ficaram uns tempos depois arrumaram um lugar pra eles. E a Anita e o Gastão alugaram uma casa, foram morar juntos daí. Moraram assim que chegaram comigo, na Capote Valente³⁷.

33 Walter Sidney Pereira Leser, foi secretário de Estado da Saúde de São Paulo, entre 1967 e 1971 e entre 1975 e 1979.

34 Florianita Braga Souza-Campos, psicóloga sanitária e professora universitária.

35 Cáritas Basso, médica infectologista.

36 Olegário José Mundim, estudante de engenharia civil na época.

37 Rua do bairro de Pinheiros, em São Paulo capital.

E nessa época você fez especialização?

Sim, uns oito meses de especialização. Era bem legal. O Leser, ainda que sob um governo da ditadura, que o governador era indireto nesses tempos, era um sanitarista. O Leser foi responsável por criar um movimento de sanitaristas do estado de São Paulo. Ele tinha essa visão, foi ele quem criou o Centro de Saúde. Antes dele tínhamos no estado de São Paulo aquelas coisas separadas: dispensário de tuberculose, o serviço de lepra, de materno-infantil, os programas super verticais, organizados verticalmente na Secretaria. Criou os Centros de Saúde para tratar tudo isso junto e atinou que para a direção do Centro tinha que ter uma pessoa com formação em saúde pública. Tinha que ser o tal do médico sanitarista. Esse era o objetivo do curso.

A Secretaria fez o convênio com a Faculdade de Saúde Pública. Formavam as pessoas. Neste curso de especialização, iam pessoas que estavam fazendo a residência de Preventiva na USP também. A Lilia Blima³⁸ e mais um monte de gente assim, futuros formuladores de política na área da saúde passaram por este curso. Nelsão³⁹ era nosso professor do curso. Eu brigava com o Gastão, que dizia: “esse cara é um sabonete” “Não! Ele é bão pra caramba!” “Muito sabonete!” Ele era ótimo. Bacanésimo. Um pouco mais velho que nós, já tinha uma história fodida. De trabalhar com o Samuel Pessoa⁴⁰ no Vale do Paraíba, fazendo a tese dele de esquistossomose.

Esse curso juntava essa negada toda, da área de Saúde Pública. Foi a consolidação daquilo que a gente almejava quando saiu do POR-T. Conseguimos, ali, juntar militância com a profissão. Esse povo todo, super militante, que também começava a penetrar no Sindicato dos Médicos de São Paulo com o Movimento Renovação Médica. Com o David Capistrano no meio, ele influenciava, um guruzão

38 Lilia Blima Schraiber, médica sanitarista e professora universitária.

39 Nelson Rodrigues dos Santos, médico sanitarista e professor universitário.

40 Samuel Barnsley Pessoa (1898-1976), médico parasitologista.

desse povo. O Zé Rubens⁴¹. Começam a articular a fundação do CEBES⁴². O Emerson Merhy⁴³ também tinha passado pelo curso.

Como entra o Emerson nessa história?

O Emerson fazia residência em Preventiva e também o curso de especialização da USP. Entramos em contato com esse povo todo. Eles vinham, faziam o curso curto e continuavam fazendo a Residência em Preventiva. O Emerson, o Davi. A gente entrou em contato aí. Uma efervescência. Junta com o espaço que o Leser dava dentro da Secretaria. Ele foi tão visionário que olha só: ele fazia o curso, o curso oferecia uma bolsa, chegava o fim do curso, tinha um concurso para entrar na Secretaria. E ele abria as vagas, para o estado de São Paulo inteiro. Assim que vim parar em Campinas: passei no concurso e escolhi Indaiatuba, trabalhei dois anos lá e o Luiz Cecilio escolheu Campinas, pois a gente queria ficar perto.



Uma efervescência. Junta com o espaço que o Leser dava dentro da Secretaria. Ele foi tão visionário que olha só: ele fazia o curso, o curso oferecia uma bolsa, chegava o fim do curso, tinha um concurso para entrar na Secretaria. E ele abria as vagas, para o estado de São Paulo inteiro. Assim que vim parar em Campinas.

A situação da Saúde Pública nessa época no estado de São Paulo, lembra como era isso?

Lembro, claro. O auge da discussão que culminou no SUS. No meu curso já havia o debate do SUS, nem se chamava SUS ainda, mas o debate sobre o sistema de saúde que queríamos. Porque era muita iniquidade. Quero dizer, essas pessoas que tinham o mínimo de compromisso com o cuidado da população não podiam admitir aquele sistema do INAMPS⁴⁴. Já havia aqueles

41 José Ruben de Alcântara Bonfim, médico sanitário, fundador e primeiro presidente do Cebes. Mais informações aqui: <http://cebes.org.br/linha-do-tempo/ano-2008/>

42 Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, criado em 1976.

43 Emerson Elias Merhy, médico sanitário e professor universitário.

44 Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Existiu

que nos davam aulas e era o Carlos Gentili de Melo⁴⁵, que era o famoso crítico do INAMPS. Que juntava com Nelsão, juntava com Sérgio Arouca⁴⁶, Leser. Essas pessoas todas circulavam e influenciavam o curso de Saúde Pública.

Assim, a discussão do SUS corria solta. A discussão de que sistema de saúde... Tinha um setor mais “Nelsão assim”, que achava que tinha que ir gradualmente patatá-patatá e um setor mais radical que achava que tinha que meter o pé na porta e criar um sistema único de vez, e um setor que queria seguir aos poucos quebrando o INAMPS. Era terrível a resistência dos médicos na época.

E os Centros de Saúde de SP que Leser estava criando, já existiam ou estavam sendo criados?

Já existiam. Por exemplo, o primeiro Centro de Saúde que fui trabalhar, foi em Indaiatuba. Terminei curso e prestei concurso, fui trabalhar. Ele vem de uma origem que tinha, bem antigamente, o Departamento da Lepra, os Dispensários de Tuberculose, o Serviço de Controle da Malária nas regiões do Vale do Ribeira e os Programas Materno-infantis para trabalhar a mortalidade infantil, ainda que na nossa época esse já não era o nome do Departamento, mas a gente estudava essa história, e assim, era tudo separado. Os de criança também tinham nome separado, tinha um nome antigo também. Até os móveis eram etiquetados conforme seu setor. Ali, Leser juntou tudo isso em Centros de Saúde. Ele quem criou essa estrutura, com todos os pedaços. Agregou os que



A discussão do SUS corria solta. A discussão de que sistema de saúde... Tinha um setor mais “Nelsão assim”, que achava que tinha que ir gradualmente patatá-patatá e um setor mais radical que achava que tinha que meter o pé na porta e criar um sistema único de vez, e um setor que queria seguir aos poucos quebrando o INAMPS. .

antes da criação do SUS. Foi extinto pela lei federal 8.689 (1993).

45 Médico sanitário que contribuiu com a discussão da Saúde Coletiva e da Reforma Sanitária nos anos 1970.

46 Antônio Sérgio da Silva Arouca (1941- 2003), médico sanitário, parlamentar e gestor público.

trabalhavam em áreas específicas montando o Centro de Saúde. Eu não lembro o ano disso, mas é importante saber. Fez uma reforma administrativa e assim uma nova Secretaria Estadual de Saúde, com uma concepção de Centro de Saúde.

Todavia, ainda uma concepção muito programática. Era um passo enorme em juntar tudo, que antes era tudo montado verticalmente, de introduzir a clínica, porém ainda muito pobremente. Tudo lá dentro ainda era estruturado. Se você não fosse gestante, não fosse criança, não tivesse tuberculose, ou hanseníase, não tinha como entrar no Centro de Saúde.

Ainda era muito focado em população específica. E não tinha território também sob responsabilidade... Ou tinha?

Municípios maiores até tinham. Por exemplo, Campinas tinha cinco centros de saúde: o de Souzas, o CS1 atual Faria Lima⁴⁷, o Taquaral ali atrás da igreja, o do Vila Nova, que era periferia e o do Jardim Aurélia, este último, onde trabalhei.

Esses (centros de saúde) então dividiam as cidades grandes, mas eram territórios enormes, porque cuidavam só de gente pobre. Só de gente pobre. Entendeu? De gente muito pobre. Quem tinha INAMPS não vinha no Centro de Saúde. Quem tinha INPS⁴⁸ não vinha. Quem tinha carteira assinada não vinha. Muito dificilmente, vinha tomar vacina, já naquela época.

Assim juntou as vacinas, pois as vacinas eram separadas no posto de saúde. Já não era um conjunto de vacinas muito pequeno, já havia um calendárizinho, razoável. Mas claro, nem se compara com as de hoje.

Então, ele fez essa reforma administrativa e juntou.

⁴⁷ Hoje no “atual (Centro de Saúde) Faria Lima” localiza-se a Policlínica 3 (Avenida Prefeito Faria Lima, 90 - Parque Italia).

⁴⁸ O Instituto Nacional de Previdência Social foi criado pelo Decreto nº 72, de 21 de novembro de 1966 e extinto pela Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990, que criou o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Nós, lá dentro, como sanitaristas, pelejávamos para dar um caráter mais... Por isso brigamos tanto com o Saúde da Família... Porque eu não suportava quando o Saúde da Família dizia assim: “o papel da unidade básica não é ficar tratando e tratando e curando. Não é ação curativa, é ação preventiva”. Eu odiava isso. Isso eu tinha vivido lá. O Centro de Saúde também era pra fazer ação curativa. E não existe isso. Isso é um absurdo! Não existe essa separação, na Clínica, se você quer fazer... Já falávamos que a questão mais fundamental na Unidade Básica, que chamava Centro de Saúde na época, era incorporar clínica nos nossos programas, entendeu? Aqueles programas rígidos, baseados numa visão puramente epidemiológica, sem considerar... Eles não se legitimavam... Esse troço pra população!

Você contou que quando eram do POR-T, faziam muitas leituras. Como era a questão da Saúde dentro dessa militância? Faziam alguma discussão sobre direito à saúde?

Não. Nessa época ainda não. A discussão sobre direito a saúde, sobre política especificamente ela veio para nós de maneira mais consistente depois que formamos. Veio posteriormente, em conjunto àquele curso.

Durante o tempo de faculdade, havia duas questões: uma crítica ao sistema de saúde. Criticávamos os professores com posturas mais conservadoras e reacionárias, trabalhávamos apenas em hospitais públicos, pois em Brasília não tinha Unidade Básica, só Hospital. Havia esses campos avançados, como em Aragarças, onde havia um hospital, um campus avançado e assim, parecia mais com uma atenção básica que trabalhava com população rural. Também existia o Ambulatório Rural em Brasília mesmo.



Porque eu não suportava quando o Saúde da Família dizia assim: “o papel da unidade básica não é ficar tratando e tratando e curando. Não é ação curativa, é ação preventiva”. Eu odiava isso. Isso eu tinha vivido lá. O Centro de Saúde também era pra fazer ação curativa. E não existe isso. Isso é um absurdo! Não existe essa separação, na Clínica, se você quer fazer...

Víamos isto e queríamos fazer isto. Queríamos nos aproximar disto. Já na Faculdade tínhamos uma rejeição à Biomedicina.

Lembro que um professor meu, aquele quem me abriu a cabeça, era muito humanista. Tanto o Luiz, que foi para uma área geral, Clínica Médica, quanto eu que fui para Pediatria, nos aproximávamos dos professores mais humanistas. Daqueles que tinham maior vínculo com paciente, que não era da Biomedicina pura. Fazíamos a crítica da Biomedicina hiper tecnológica, que afastava-se das pessoas. Todavia, uma proposta de Sistema de Saúde era muito vaga para a gente enquanto estudante. Também, porque Brasília nos afastava disto.



No início da Faculdade éramos muito politizados, no começo a questão da democracia era muito grande, a questão da qualidade do ensino público, mas não tinha discussão sobre política de saúde. Isso era vago para gente: Sabíamos o que queríamos ser, médico de um sistema público, fazer uma medicina para a maioria da população, para o que o povo precisava, não aquela medicina especializada e sofisticada, mas não tínhamos noção de sistema de saúde enquanto política.

Nos afastava porque havia uma rede de hospitais públicos, muito diferente de quando viemos para São Paulo. Aí foi chocante. Em São Paulo, você enxergava a medicina privada, a de grupo, mercantilizada e exacerbada, o INAMPS para quem tinha carteira assinada e para a massa que não tinha, com exceção de Santa Casa e Postinho de Saúde precário do Estado, quase não tinham assistência. Como em Brasília havia uma rede de hospitais públicos montada, não era tão gritante a falta de um Sistema de Saúde. Depois degringolou e a rede privada entrou, mas neste começo a medicina privada era restrita, os hospitais públicos eram hegemônicos. O choque foi em sair de lá.

Começamos a discutir isto nos primeiros ENEM⁴⁹. Íamos pro Rio discutir política de saúde, mais para o final do curso. No início da Faculdade éramos muito politizados, no começo a questão da democracia era muito grande, a questão da qualidade do ensino público, mas não

49 Encontro Nacional dos Estudantes de Medicina.

tinha discussão sobre política de saúde. Isso era vago para gente: Sabíamos o que queríamos ser, médico de um sistema público, fazer uma medicina para a maioria da população, para o que o povo precisava, não aquela medicina especializada e sofisticada, mas não tínhamos noção de sistema de saúde enquanto política.

Até porque as políticas eram muito focais, né.

É. Essa discussão talvez nem tivesse acontecendo. Lendo as deliberações de uma conferência em 1963, a do pré-golpe, eles falavam em descentralização, mas eram coisas muito tecnocráticas, inclusive porque não era a população que participava disto. Talvez fosse meia dúzia de gente que até tinha pensamento coerente, mas não tinha raiz na sociedade. Um negócio mais técnico mesmo.

E de saúde como direito. Na Faculdade, vocês discutiam sobre determinantes sociais?

Muito. Discutíamos muito sobre como a desigualdade brasileira determinava o quadro de saúde do Brasil. Principalmente entre nós, estudantes de esquerda. Aos que não queriam olhar isso, era muito desagradável. Ver que o grande problema de saúde no Brasil é a desigualdade social e era muito mais gritante do que hoje, pois as doenças, como o Sarampo durante os meus primeiros anos de Faculdade, era a doença que mais matava criança no Brasil. A diarreia era a principal causa de internação.



Era muito desagradável. Ver que o grande problema de saúde no Brasil é a desigualdade social e era muito mais gritante do que hoje, pois as doenças, como o Sarampo durante os meus primeiros anos de Faculdade, era a doença que mais matava criança no Brasil. A diarreia era a principal causa de internação.

E as condições de saneamento eram precárias...

Muita desnutrição. Quadros clínicos de desnutrição, com barrigona e perninha inchada em resultado de falta de proteína, o tal Kwashiorkor típico, ou Marasmo. Tinha

um ambulatório ligado a faculdade de medicina que fazia recuperação nutricional, coordenado pelo Professor Lisboa. No Ambulatório iam as mães e os irmãozinhos, ficavam manhã e tarde, a mãe cozinhava para todos e preparavam as refeições das crianças, para se recuperar nutricionalmente. Havia várias experiências de recuperação nutricional. Experiências para entregar o leite, de fazer não sei o quê. E a experiência mais efetiva era essa. A mãe ia junto e ela quem cuidava da criança, com os alimentos que lhe eram dispostos, o remédio era o alimento, coisa maluca. Em breve chegamos lá né, daqui a pouco voltaremos a ter quadro clínico de desnutrição.

Queria voltar ao ponto da chegada sua e do Luiz aqui em Campinas.

Então fizemos o curso de saúde pública, do Walter Leser, um curso de especialização interessantíssimo, um convênio da Secretaria de Estado com a USP. Cada turma formada podia em seguida prestar o concurso para ser contratado como médico sanitário. Colocava para você as vagas do estado inteiro, o concursante escolhia uma vaga conforme sua classificação na prova.

E assim Leser foi povoando o estado de São Paulo com sanitários formados na Faculdade de Saúde Pública da USP. Política de pessoal. Super visionário para aqueles tempos. Era um sanitário por cidade e haviam muitos casais, como Heleno e Aninha, que foram respectivamente para Salto e Itu. Os casais escolhiam vir para municípios vizinhos. Eu e Luiz viemos respectivamente para Campinas e Indaiatuba. Muitos casais escolheram cidades próximas. Chegávamos e encontrávamos o Centro de Saúde já integrado, não era mais aquela verticalização antiga do estágio, a reforma administrativa de Leser já estava em vigor. Tuberculose, Hanseníase, Criança, Pré-natal, todos em um lugar único.

Eram unidades grandes, como Indaiatuba que foi a primeira que trabalhei, mas a relação dos médicos com aquele

serviço era uma coisa horrorosa. Os médicos não cumpriam horário, de forma nenhuma, do contrato de quatro horas, ficavam meia hora, quarenta minutos por dia, uma hora e meia quem ficava muito. Por dia atendiam quantos dessem na telha. Uma completa hegemonia dos médicos, alguns nem trabalhavam todos os dias. E faziam deste Centro de Saúde, uma ponte para atender pelo INAMPS. Por exemplo, nós sanitaristas seríamos coordenadores da unidade. No primeiro lugar em que cheguei havia um ginecologista, um pediatra, um clínico. O pediatra só tinha ficha de meninos. Então perguntei para a auxiliar de enfermagem: “Escuta, por que só tem ficha de menino?” “Ah! O doutor fulano manda fazer a ficha dos meninos, pois manda todos operar de fimose. Quem tiver INPS vai operar de fimose no hospital filantrópico conveniado com INPS, entendeu?” Ele era quem fazia as operações, ou seja, era uma ponte para ele fazer procedimentos que garantiam um retorno financeiro pelo INPS. Ele só se mantinha no Centro de Saúde para isso. Só fichava meninos, as meninas ele até podia atender, mas não havia necessidade de fazer ficha, porque menina não tem fimose.

A gente chega lá cheia de ideias, querendo criar um centro de saúde integrado, bacana, que atendesse todo mundo e nos deparamos com esses colegas, a maioria velhos. Eu cheguei lá super nova com carinha de criança querendo mudar tudo, enquanto os médicos de lá já super enraizados na cidade. Houve nas cidades do interior muita briga. Sanitaristas foram expulsos, perseguidos, mandados embora, pois chegavam com essa visão democratizante e qualificante, a gente atendia tudo.

Por exemplo, o meu jeito, eu não suportava aqueles caras, tinham uns ou outros, mas a maioria era muito



Então perguntei para a auxiliar de enfermagem: “Escuta, por que só tem ficha de menino?” “Ah! O doutor fulano manda fazer a ficha dos meninos, pois manda todos operar de fimose. Quem tiver INPS vai operar de fimose no hospital filantrópico conveniado com INPS, entendeu?” Ele era quem fazia as operações, ou seja, era uma ponte para ele fazer procedimentos que garantiam um retorno financeiro pelo INPS.

péssima com o povo. O que eu fazia? Atendia tudo. Preferia atender do que disputar com os caras, do que não conseguir fazê-los atender bem. Por isso aprendi atender hanseníase e tuberculose. Tinha muita hanseníase e tuberculose.

Aos poucos fui buscando alianças, conhecendo gente nova, principais alianças com o pessoal de enfermagem, sempre. O estado tinha as visitadoras sanitárias e educadora sanitária, muito bacanas, já dava para construir alianças e melhorar algumas coisas.

Enquanto isso, a discussão rolando solta sobre o SUS. Quando estávamos no curso para virar sanitarista, havíamos começado a discutir o SUS, discutir sistema de saúde, fazer a crítica ao INAMPS, porque havia se tornado um sumidouro de dinheiro público. Era consulta, consulta, consulta, especialização, especialização, especialização, exame, exame, exame, cirurgia, cirurgia, cirurgia, falcatura. Foi a época que os hospitais fraudavam o INAMPS. Tinham vezes que aparecia parto em homem, então por vezes aparecia uma crítica na TV desses municípios que havia menor controle. Na hora de realmente fazer a supervisão, viam como se fraudava. Disto surge a famosa frase do Carlos Gentili de Melo “o pagamento por procedimentos é um fator incontornável de corrupção”, ele dizia, “pagar por procedimento médico é um fator incontornável, não tem jeito, tem que mudar esse negócio”. Então começam novas experiências.

Campinas, em seguida passa, por várias experiências interessantes⁵⁰. Fiquei um ano em Indaiatuba. Em Campinas,

50 Maiores informações sobre a Saúde em Campinas podem ser encontradas aqui: <http://www2.ibfc.org.br/concurso/prefeitura-campinas-1002/docs/historia-da-saude-publica-em-campinas.pdf>, na dissertação de Mestrado de Roberto Mardem Soares Farias intitulada “Construção e consolidação de uma política de saúde: O SUS em Campinas” disponível aqui: <http://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=452169> e na dissertação de Mestrado de Adilson Rocha Campos intitulada “Antecedentes da implementação do SUS - Sistema Único de Saúde - em Campinas – SP” disponível aqui: <http://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=450711>

havia apenas uma vaga de sanitarista no Faria Lima, que era o maiorzão, os outros cinco que te falei: o Aurélia, Taquaral e tal, abriram vaga de sanitarista também e se transformaram em CS2, eram chamados de unidades periféricas, não tinham autonomia gerencial. Então também viraram Centro de Saúde e abrem vaga de sanitarista. Assim vim pra cá. Eu tinha dois filhos a essa altura, Tiago e a Ana. Ficava indo e voltando. Quando abre em Campinas, já tínhamos uma força bem considerável para se discutir sistema de saúde. Campinas, já naquela época, tinha uma rede municipal pioneira que não existia em lugar algum.

Ah! Não tinha só os Ambulatórios do estado!

Não, a gente veio para os do estado, mas Campinas tinha Sebastião de Moraes⁵¹ na Secretaria de Saúde. Era pioneira. Estava quentíssimo. Sem SUS, Campinas bancava a sua rede de Unidades Básicas apenas com a Prefeitura, que era super desfalcada de todo recurso, porque eram os postinhos de fundinho de quintal e de fundo de igreja...

Que funcionavam perto da PUC⁵²?

Não, tinha em todo lugar. Tinha uns 30 já. Mas era “fundinho de igreja”, que o pessoal chamava. Como o Ipê, por exemplo, que era de um padre que cedeu. O São Marcos também foi esse caso, quase todos eles eram vinculados a associações religiosas que cediam um pedaço para funcionar. E o Sebastião já trabalhava com auxiliares recrutados no bairro, que ele fazia uma assembleia no bairro, fazia uma dramatização e a partir desta



Mas Campinas tinha Sebastião de Moraes na Secretaria de Saúde. Era pioneira. Estava quentíssimo. Sem SUS, Campinas bancava a sua rede de Unidades Básicas apenas com a Prefeitura, que era super desfalcada de todo recurso, porque eram os postinhos de fundinho de quintal e de fundo de igreja...

51 Sebastião de Moraes assumiu a Secretaria de Saúde da cidade de Campinas em 1977.

52 Pontifícia Universidade Católica, no caso de Campinas (SP).

dramatização ele recrutava as auxiliares? Acredita nisso?! A Beth Smeke⁵³ tem isso tudo registrado. Ela estudou isso.

Para nós do estado, tínhamos mais condições, éramos sanitaristas e tínhamos uma formação, uma visão epidemiológica, mais elaborada para trabalhar, porém o estado não tinha vínculo com a população. Unidades com aquela grande área, com funcionários que não era daqueles bairros, era algo muito mais afastado. O que fizemos? O que eu fiz, que particularmente fui uma das primeiras sanitaristas do estado que veio pra Campinas?



E o que me atraía terrivelmente nessa Prefeitura? A prefeitura não tinha os programas rígidos como o Estado, ela fazia mais clínica, era mais aberto, ela olhava as necessidades. Então eu fazia um monte de curativo, atendia um monte de crianças com asma, era muito mais a porta aberta, a partir da porta aberta organizava seus problemas. É isso que a Unidade Básica deve ser.

Qual unidade isso?

Jardim Aurélia. Lá no Império do Sol Nascente, era uma daquelas casinhas cedidas por um padre. E o que me atraía terrivelmente nessa Prefeitura? A prefeitura não tinha os programas rígidos como o Estado, ela fazia mais clínica, era mais aberto, ela olhava as necessidades. Então eu fazia um monte de curativo, atendia um monte de crianças com asma, era muito mais a porta aberta, a partir da porta aberta organizava seus problemas. É isso que a Unidade Básica deve ser.

O que acho ruim no Saúde da Família hoje? Dei esse pulão de tema, desculpa. É que eu passei muito tempo para aprender que a Atenção Básica tem que ser uma porta absolutamente aberta, ou seja, a unidade do Vila Ipê não é igual a unidade São Marcos, que também não é igual a do São José e nem do Campo Belo. Qual a diretriz principal da Unidade Básica? É ser porta aberta. Botar o povo para dentro com suas necessidades e ser acolhido.

A partir da capacidade da equipe em estudar o que ocorre e o que pode ser equacionado de melhor maneira

⁵³ Elizabeth de Leone Monteiro Smeke, médica sanitarista e professora universitária.

é que se organiza os programas. Assim, se faz muita clínica. A necessidade atual da população envelhecida, seja no lugar que for, se tem muita necessidade de fazer uma clínica individual. Grande essa necessidade. Precisa-se construir vínculos individuais, seja com a enfermagem, seja com a equipe multiprofissional, não é com médico apenas. Construir vínculos e fazer atendimento, pros idosos, para aqueles que tem... Hoje com o envelhecimento da população o estoque de doenças é doença crônica. Vai pegar as pessoas com mais de sessenta anos, todas elas tem algum grau de doença do aparelho locomotor, uma artrose, uma artrite, uma dor lombar crônica, hipertensão, tem diabetes, problemas do metabolismo, então tem colesterol elevado, tem isso ou aquilo. Se esse número é grande, você vai construindo coisas... Então, você constrói coisas para atender coletivamente esse grupo, sem perder de vista que você pôs para dentro de forma individual, para estudar a necessidade de cada um.

Prefiro uma Unidade Básica toda aberta e sem programa, ela atende melhor a população do que uma Unidade Básica toda estruturada que só acolhe terça e quinta na equipe A, sexta equipe B, sabe? Eu odeio isso, gente! Tantos anos para ver que isso é ineficaz. Agora o povo todo fazendo isso de novo.

Não falo isso de achismo, hoje eu vejo jovens doutores de saúde da família com essa visão, de fazer o programa da criança, o programa do não sei o quê. Isso quando já há trinta anos... No México havia um tipo de trabalho com atendimento primário de crianças, um trabalho que muito me seduziu nesse momento há trinta anos, eles mostravam assim: onde se faz mais diagnóstico precoce, se tinha um programa de criança, super estruturado, a criança era vista todo mês, entre médico e enfermagem, fazia-se a medida do perímetro craniano, perímetro torácico, pesava, media, botava na curva, ou onde se tinha um programa porta

aberta, e dizia para a mãe “olha, quero ver essa criança periodicamente, mas assim que precisar pode vir aqui”. O programa porta aberta era de longe muito mais eficaz que o outro, pois na rotina de medir perímetro encefálico, não se olha outras coisas, não se atina, não se anota, ou anota automaticamente, ao passo que se você se abre e se atenta “ó, a moleira dele não está fechando” e etc. É muito mais



Minha experiência no Vila Ipê foi de me legitimar com a população quando eu já estava madura profissionalmente, foi chegar em uma unidade porta semi-aberta e escancarar essa porta e convencer a equipe que esta era a forma de se fazer. Depois da porta escancarada e de ter ganho a absoluta legitimidade na região, no bairro, com as pessoas, então organizávamos o que devia ser programado.

sensível do que fazer diagnóstico precoce, do que essa pretensão “sanitarística”... E olha que fui formada para ser “sanitarística”, quero dizer, ter uma visão muito recortada, baseada apenas na epidemiologia. É assim que se entra pelo cano. Sobretudo, você não se legitima com a população.

Minha experiência no Vila Ipê foi de me legitimar com a população quando eu já estava madura profissionalmente, foi chegar em uma unidade porta semi-aberta e escancarar essa porta e convencer a equipe que esta era a forma de se fazer. Depois da porta escancarada e de ter ganho a absoluta legitimidade na região, no bairro, com as pessoas, então organizávamos o que devia ser programado. Assim que vimos que o número de crianças com asma era imenso e isto era demanda dos pediatras, difícil de equacionar se não estruturasse. Só aí estruturamos um programa de crianças com asma. Sentamos e estudamos o que havia de melhor para fazer: grupo com as mães, padronizar o pedido de exames, para não pedir aquele monte de exame, etc.

Na mesma época, vimos que a Anemia Ferropriva em criança era um número expressivo o suficiente para também trabalhar assim, portanto: que exames pediremos para tratar anemia? Com qual periodicidade? Como entra o papel da enfermagem? Como entra o agente comunitário?

Estruturamos um programa de anemia, mas antes disso, a porta era escancarada para todas as crianças.

Escancarada e tinha credibilidade, era todo dia para tudo, não tinha essa de “anemia só as quartas de tarde”, isso não dá certo.

Você contou que em Indaiatuba a forma como você aprendeu era essa recortada, então chegou no CS Aurélia de Campinas e se dá conta do funcionamento na cidade. Como foi isso?

Isso. Eu vendo os outros já queria fazer isto. Já achava o CS ocioso. Nas primeiras horas da manhã havia um enorme movimento, mas durante o resto do dia, era ocioso, me incomodava muito: “se tem tantos com tantas necessidades, por que fica ocioso?” Porque a gente era fechado, e marcávamos aquilo daquele jeito. Para eu fazer um curativo no Aurélia, tinha que comprar o material. Pasmee, eu comprava abaixador de língua, quando chegava criança com dor de ouvido, o pediatra dizia, “olha, bem, você tem que ir no pronto-socorro que aqui não tem otoscópio”, tamanha era a falta de resolutividade do PS do Estado, porque era programático. Para tuberculose era beleza, para hanseníase também, para pré-natal.

Era super verticalizado. Mas a simples dor no ouvido não dava para responder.

Era a minha agonia. Ao mesmo tempo, em Campinas havia uma articulação entre as pessoas que queriam saúde, que valorizavam Atenção Básica, tanto na Prefeitura quanto no estado. O Sebastião de Moraes trouxe nesse início apenas gente de esquerda. Ele era pioneiro em montar atenção básica, montou em Campinas, em Niterói, em Montes Claros, em Londrina, que era com o Nelsão, ou seja, haviam cinco ou seis lugares que tinham rede municipal de atenção básica, pouquíssimas. Sendo que em Montes Claros não era nem municipal, era da fundação CESP, que era longe pra

caramba.

Por isso, em Campinas nós nos juntávamos muito, tínhamos espaço de discussão, pois além disso, Sebastião atraiu gente do PCdoB⁵⁴, do MR-8⁵⁵, do Partidão, do POR-T (risos), médicos egressos da luta armada. Sebastião, com essa visão progressista de democratizar a atenção, voltada para o povo que precisava, acabou atraindo essa medicaçada de esquerda do Brasil inteiro.

Tínhamos espaços de discussão, mas os sanitaristas também tinham. Wanderlei⁵⁶ e Jeanette⁵⁷, em Mogi Mirim, vinham para cá periodicamente para discutirmos saúde. Vinha Emerson, que trabalhava em Valinhos. Tinha gente formada pelo Leser em qualquer lugar, aqueles que vinham para Campinas se reuniam com a esquerdama de Campinas e discutia política de saúde. Discutia o que era bom e o que era limitação no Sebastião, do Estado, era muita discussão, foi um momento efervescente. Inclusive, o Nelsão veio e depois foi ser secretário. Foi perseguido, denunciado. Quando chegou aqui, saiu na veja! “Sebastião de Moraes convidou médico comunista ex-presos do partidão” (risos) “e que ainda por cima usava um sandalhão com sola de pneu para trabalhar e uma bolsa de couro” (risos).

Quem era o prefeito aqui?

Chico Amaral⁵⁸. Na sua primeira versão, populista.

Porque o Nelsão foi secretário, né? Mas o Sebastião chegou a ser prefeito?

Não, Sebastião nunca chegou a ser prefeito. Ele foi ser

54 Partido Comunista do Brasil, constituído com este nome e sigla em 1962 e existente até hoje.

55 Movimento Revolucionário 8 de outubro, criado na época da ditadura militar e reorganizado posteriormente. Criaram o Partido Patria Livre e se fundiram em 2019 com o Partido Comunista do Brasil.

56 Wanderlei Silva Bueno, médico sanitarista.

57 Jeanette Mufalo Silva Bueno, enfermeira sanitarista.

58 Francisco Amaral (1922-2016) foi prefeito de Campinas entre 1977-1982 e entre 1997-2000.

prefeito em Salto, porém morreu na estrada. O Nelsão era o braço direito do Sebastião. Era diretor de saúde. Me parece que chegou a virar secretário quando Sebastião foi para Salto. Acho que ainda (na época) do Chico Amaral. Houve esse momento: Nelsão Secretário Municipal, Luiz Cecílio diretor do DRS-7, da Regional e Gastão no Departamento de Medicina Preventiva, já? Não, Gastão no CS em Paulínia. Era uma culminância de gente elaborando e pensando essa coisa do sistema de saúde que foi muito rica em Campinas.

Assim, você era coordenadora do Aurélia, nessa luta com os médicos e ficou oito anos lá.

Isso, oito anos. Eu gostava de ficar muito tempo. Meus amigos me criticavam muito, pois não queria sair de onde ia. Queria dar tempo para amadurecer.

E nessa época no Aurélia, quando tinha essa interlocução com as unidades do município, você ficou lá de 79 a 87, até exatamente a época que ocorre toda a germinação do SUS no Brasil. Queria saber o que você via nessas conversas que foram culminar no SUS em 88.

Então, a gente sentia muito na pele. Quando estive em Indaiatuba era o máximo da contradição, pois o hospital filantrópico tipo Santa Casa que havia lá e o CS do estado. Era um hospital filantrópico que havia convênio com INAMPS e hoje tem convênio com o SUS. Nessa época era esse hospital e o CS de Estado. Quem tinha INPS, carteira assinada, ou INAMPS, era atendido por conta do convênio com INAMPS, por exemplo podia fazer raio-x. Quem não tinha, como o CS, não havia equipamento, não tinha nada.

Lá, eu fazia o programa de tuberculose. A maioria dos meus pacientes era boia-fria, que vinha colher uva, café, tomate em Indaiatuba. Essas pessoas tinham muita Tuberculose. Moravam em alojamentos, comiam mal, com muita chuva e frio e com Tuberculose. Esses caras não podiam fazer raio-x, como eu fazia? Fazia exame de escarro,

cl clinicamente: você fica com o olho bom, né? Colhe e examina, trazia no BonaVita, empresa (de transporte) BonaVita, para o Adolfo Lutz⁵⁹ do estado aqui em Campinas para fazer o exame de escarro. Depois retornava com o resultado para Indaiatuba. Os tratava apenas com exame de escarro e exame clínico. Eles não tinham direito a fazer raio-x, somente quem tinha INAMPS. Um absurdo isso, uma iniquidade, um horror.

Isso que discutíamos na época, para quem trabalhava em serviço, eram muito sentidas. Eu tenho orgulho disso, pois estava na comissão da Secretaria quando se discutia aqui em Campinas, o SUDS - Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde, a junção do Estado, o município e a Unicamp- que a carteirinha do INAMPS não valeria mais nada, que íamos rasgar. Claro que respaldados pelas pessoas responsáveis na época, Nelsão e tudo mais. Sabe quem fazia parte desta comissão, representando a PUC? Doutor Hélio de Oliveira Santos⁶⁰.

Pela Unicamp vinha Gastão, Teixeira⁶¹... Foi um dia que decidimos, enquanto as pessoas do INAMPS ainda estavam no muro “Ah, mas será que vai?” “Vai!!! Cabô carteirinha, não vale mais nada carteirinha do INAMPS”. Isso antes de 1988 “Não tem mais indigente, pelo menos no sistema de saúde não existe mais essa classificação”. Foi um dia glorioso. Tem alguém que recupera essa história, Carminha⁶² ou Beth Smeke, que tem essas passagens

59 O Instituto Adolfo Lutz foi criado em 26 de outubro de 1940. Atualmente é credenciado como Laboratório Nacional em Saúde Pública e Laboratório de Referência Macroregional pelo Ministério da Saúde brasileiro, tendo sede em São Paulo.

60 Doutor Hélio foi prefeito de Campinas entre 1 de janeiro de 2005 e 20 de agosto de 2011. Foi afastado por decisão da Câmara Municipal.

61 Roberto Teixeira Mendes, médico pediatra e professor universitário.

62 Maria do Carmo Cabral Carpintero, médica sanitarista, foi Secretária de Saúde de Campinas durante o governo de Izalene Tiene (2001-2004).



Foi um dia que decidimos, enquanto as pessoas do INAMPS ainda estavam no muro “Ah, mas será que vai?” “Vai!!! Cabô carteirinha, não vale mais nada carteirinha do INAMPS”. Isso antes de 1988 “Não tem mais indigente, pelo menos no sistema de saúde não existe mais essa classificação”.

Foi um dia glorioso.

de SUS-SUDS, Pró-saúde... Ah, o Pinotti⁶³ na Unicamp! Primeiro foi o Pró-Saúde⁶⁴, que criou uma experiência só de Campinas, Unicamp, estado, município e PUC, isso antes do SUS.

Olha só como a Unicamp era mais pra frente. Ela tava junto.

É, mas a PUC...

Como chamava o programa?

Depois eu falo isso, mas a PUC era muito mais participativa, pois tinha suas unidades e tudo mais. Sim, o Hélio vinha pela PUC, depois ele vinha pelo CRAMI⁶⁵, aquele negócio de criança vítima de mau-trato. Assim, o Pró-Saúde em primeiro, depois o SUDS era nacional, uma primeira integração e finalmente em 1988 o SUS.

Para chegar nisso, assim como eu entrei na minha militância de esquerda, alguns entram “teoricamente”, pela via da teoria, pois se opõem ao capitalismo. Entrei por “compaixão”, depois seguiu o resto. Na política de saúde também entrei assim, pois quando fui defender o SUS, já havia passado por tudo isso, não era teórico. Queria que todos os meu pacientes tivessem direito de fazer os exames que tinham direito. O Direito a saúde era muito sentido. O que começa desde Brasília.

Quando fomos para Brasília, no Campus avançado, nas férias que fomos eu e Luiz, em Aragarças, na divisa do Mato Grosso com Goiás, já nos deparávamos com as pessoas que estavam num hospitalzinho universitário e que precisavam de cirurgia, mas só passavam por ela se tivessem INAMPS.

⁶³ José Aristodemo Pinotti (1934-2009), médico e secretário de Saúde do estado de São Paulo (1987-1991).

⁶⁴ Para maiores detalhes dessa experiência, acesse a dissertação de Mestrado de Adilson Rocha Campos intitulada “Antecedentes da implementação do SUS - Sistema Único de Saúde - em Campinas – SP” citada na nota 50.

⁶⁵ Centro Regional de Atenção Aos Maus Tratos na Infância de Campinas.

Essas coisas foram vividas pela gente com muito sofrimento, pois queríamos fazer uma saúde mais democrática. Era um sentimento atroz.

Hoje você fica louca se falta o remédio para o paciente com epilepsia no CS, agora imagina você ter um pouco de medicamento e só poder dar para o epilético que tem carteirinha do INPS. Imagina, só faz exame para ver se tem caverna ou não, trata o cara sem ver o raio-x dele, com o recurso tecnológico simples colocado a disposição da população, mas a iniquidade era tanta no Brasil que um tem direito e o outro não. Por isso, o SUS foi glorioso para gente e foi muito difícil. Você pensa aqui em Campinas?



Lembro que uma discussão em que um figuraço de Campinas falava assim “mas vocês tão louco de querer um sistema público universal! Assim, uma coisa é uma epidemia de meningite, aí é responsabilidade do Estado! Se tem tuberculose, é do estado! Só que se Dona Maria quebrou a perna, é problema da Dona Maria!”Tinha vontade de voar no pescoço desse aí.

Pensando em Campinas, mas também pensando no que vocês perceberam que estava acontecendo em outros lugares do Brasil, que dificuldades foram?

No nosso meio, era só alegria, né? No meio da Saúde Pública vindo dessa política e tal, mas não me esqueço da discussão que tivemos na Sociedade de Medicina e Cirurgia. Eu fui do Sindicato dos Médicos uma época, pura tarefa partidária do partidão. Detestava Sindicato dos Médicos, nunca gostei. Acho que pra gente esse sindicato é uma contradição, se você é servidor público, você quer estar no sindicato do servidor, o dos médicos é complexo, pois ou você não representa a categoria, você nega a categoria que representa, ou você... Por isso que vejo os nossos companheiros de esquerda que vão pro Sindicato dos Médicos e fica muito na corda bamba.

Todavia eu fui destinada durante uma época a estar nesse sindicato, quando o Igor era presidente, do partidão. Participávamos dessas discussões do sistema público. Lembro que uma discussão em que um figuraço de Campinas falava

assim “mas vocês tão louco de querer um sistema público universal! Assim, uma coisa é uma epidemia de meningite, aí é responsabilidade do Estado! Se tem tuberculose, é do estado! Só que se Dona Maria quebrou a perna, é problema da Dona Maria!” Tinha vontade de voar no pescoço desse aí.

“É que Dona Maria não é tua mãe”!!!

A gente retrucava “e se Dona Maria não tem dinheiro para consertar a perna?” “Ela vende o que ela tiver”. Cruel. Estamos vivendo isso de novo. Esse é o grande dilema, não conseguimos, em função da ascensão do setor privado e da classe média ter ficado no setor privado, fazer com que o povo brasileiro se apropriasse do SUS, igual Inglaterra, aqui se for meter a mão no SUS... Hoje tentamos fazer essa discussão, vejo a galera do controle social, dos conselhos, fazer bravamente a discussão do direito a saúde. Porque que o SUS está em toda parte, se não fosse o SUS como seria esse enfrentamento do Coronavírus ou da Dengue, da cerveja contaminada de Belo Horizonte... Tudo isso é o SUS que dá conta. Ainda assim, é difícil aqui no Brasil, pois a classe média não se apropriou do SUS.



Hoje tentamos fazer essa discussão, vejo a galera do controle social, dos conselhos, fazer bravamente a discussão do direito a saúde. Porque que o SUS está em toda parte, se não fosse o SUS como seria esse enfrentamento do Coronavírus ou da Dengue, da cerveja contaminada de Belo Horizonte...

De alguma forma, isso foi uma derrota que aconteceu naquela época, né?

Isso, uma derrota desde os vetos do Collor, do financiamento. Para você ver, conquistamos o SUS na constituição, mas quem foi homologar, foi Fernando Collor de Mello, ultraliberal. Agora, os médicos de Campinas já eram contra o Sebastião de Moraes. Sebastião era uma figura interessante, pois ele não veio da Saúde Pública. Ele era um gastroenterologista cirurgião, da elite médica de Campinas. Era muito próximo do PCdoB e ele se encantou com a

discussão de Alma-Ata⁶⁶. E ele comprou a ideia da Atenção Primária em Saúde. Ele era simpático ao PCdoB, tanto que veio muita gente do PCdoB para cá. Ele foi à luta, se encantou com isso.

Era um cara humanista, ele queria fazer isso aí para as pessoas. Agora, ele tinha muita oposição em Campinas. Quando ele começou a fazer isso com as auxiliares em Campinas, me lembro que os médicos de Campinas diziam: “imagina! O Sebastião tá pondo o povo para ser atendido por aquelas Dona Maria lá do bairro. Aquelas dona de casa!” que eram as auxiliares, super bem formadas, super resolutivas, que aprendiam um monte coisa na época e que depois influenciaram muito na formação dos auxiliares de enfermagem.

Você fez uma panorâmica do final dos anos 1980. Pensando nesta trajetória como trabalhadora do serviço público em Campinas: foi trabalhadora, coordenadora, foi diretora de saúde, funcionária do CETS. O SUS real que você viveu, como foi? Como foi essa construção em meio estas várias posições que ocupou durante toda a sua trajetória profissional do SUS Campinas?

O que marca minha vida é a Unidade Básica, apesar de ter pequenas saídas, dois anos como diretora de saúde e os últimos anos que já estava cansadinha e fui pro CETS⁶⁷, o que me marca é ter estado em Unidade Básica. O que aprendi foi isso.

Do que mais me frustrei foi, é não poder ter trocado mais a minha experiência em Unidade Básica, pois quando amadureci profissionalmente na UB, o Vila Ipê, por exemplo, que foi o que fiquei mais tempo, quinze anos,

⁶⁶ Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em Alma-Ata, na República do Cazaquistão, em setembro de 1978.

⁶⁷ Centro de Educação dos Trabalhadores da Saúde, órgão da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas.

que tive segurança no que fazer na UB, eu não pude trocar isso, pois veio “Paideia”, vieram coisas diferentes, aquilo foi acachapante, foi fogo. (a voz embarga)

Quando pensava que seria mais fácil e não foi. É muito doloroso ver as unidades cometendo os mesmo erros de quarenta anos atrás. Por conta de montar as equipes de referência, que por si é algo bom, mas como se isso fosse o objetivo de si. Quero dizer, você monta a equipe para construir o vínculo, para facilitar a construção de vínculos e delimitar a população que vai atender para construir vínculo.

Que nem a Cirlene que trabalha comigo, por exemplo, ela mora no Santa Lúcia e conta que está com DIU e que tem uma suspeita que o aparelho não está bem encaixado, tem uns problemas e replico para ela ir ao posto. Ela vai no posto e na volta fala que não deu certo porque o acolhimento da minha equipe é só quarta-feira que vem. Isso me dá vontade de chorar. É tudo contrário ao que aprendemos em Atenção Básica. (se emociona)

O pessoal fica com essa discursão e com a boca cheia para falar em atenção básica e faz uma burrice dessa. Erro primário de gestão desse e a Secretaria não faz nada sobre isso. O que vejo na Secretaria de Campinas de tempos para cá, gestão Jonas e antes disso, é que parece que o aprendizado não foi acumulado, para se construir uma expertise de gestão de unidade básica. Quero dizer, Campinas de Sebastião de Moraes, que vinha acumulando, a partir de um certo ponto, parou de tirar proveito deste acúmulo, desacumulou. Isso é doloroso. Eu vi, errei e aprendi. Ver que isto não acumulou para a instituição é doloroso.

Campinas sempre teve alta resolutividade. A rede básica



Ela mora no Santa Lúcia e conta que está com DIU e que tem uma suspeita que o aparelho não está bem encaixado, tem uns problemas e replico para ela ir ao posto. Ela vai no posto e na volta fala que não deu certo porque o acolhimento da minha equipe é só quarta-feira que vem. Isso me dá vontade de chorar. É tudo contrário ao que aprendemos em Atenção Básica. (se emociona).

de Campinas. Isso que dava legitimidade para a unidade básica de Campinas. Tratar casos complexos e dar conta daquilo, do ponto de vista clínico, humano, da psicologia, das questões sociais. A rede básica de Campinas sempre enfrentou com bravura a complexidade de coisas que tem na Atenção Primária. Agora não. Degringolou. Quer encaminhar pro CAPS⁶⁸, encaminhar pro conselho tutelar, quer encaminhar, quer encaminhar. Perdeu a capacidade de enfrentar problemas, claro que enfrentar com redes, mas as unidades desacomularam muito.

**Por que acha que aconteceu essa “desacumulação”?
Que fatores levaram isso?**

Não sei onde isso se perdeu exatamente, mas a chegada do Saúde da Família, no Ministério da Saúde... Campinas tinha que ter incorporado com a maturidade que Campinas tinha... É uma coisa que Roberto⁶⁹ fala: “Campinas não deveria ter perdido sua resolutividade”. Se ela tinha equipes mais complexas nas unidades básicas, ela tinha que manter e ir daí para cima. O Saúde da Família em Campinas foi uma coisa ruim, pois Campinas já tinha, em termos de modelo, desde o Sebastião e que foi o que aprendi no Estado com as unidades municipais, ela tinha um vínculo muito grande com a população e o território. Ela nasceu com este vínculo. As unidades básicas municipais de Campinas daquela época do Sebastião de Moraes, já tinham os prontuários familiares, organizados por pedacinhos do território que ela atendia. Já nasceu assim. Não precisava vir o Saúde da Família para falar isto.

As auxiliares da saúde, pessoal de enfermagem da Unidade Básica, já tinha um vínculo muito grande com o território, todo mundo saía para fazer visita, todo mundo ia na casa, todo mundo ia na escola. Em determinado momento

⁶⁸ Centro de Atenção Psicossocial.

⁶⁹ Roberto Mardem Soares Farias, médico pediatra e sanitarista, gestor público e conselheiro municipal de saúde.

isso foi se perdendo...

É isso que fico tentando entender...

Porque teve um momento que desacumulou. Que começou com a história do Saúde da Família, mas nos últimos governos, degingolou de vez, passou a se falar de “modelo”, de “composição da equipe”, como se isso fosse o modelo. E não é.

Essa coisa de Atenção Primária e Atenção Básica não importa. É a mesma coisa. O modelo de atenção primária que queríamos era de unidade com território delimitado, com altas condições de vínculo com a população. A primeira gestão do Gastão, repetíamos: “o coordenador da unidade é o secretário de sua região, ele deve olhar sob seu território com responsabilidade”. Esse era o diferencial de Campinas.

Isso que vejo! O fator estratégico do secretário de saúde, do coordenador no seu território, perdeu substância. Não é sanitarista, não tem perspectiva, não tem visão inclusive do seu próprio papel na equipe, no território com a população.

Essa visão é fundamental. A diferença básica da nossa Unidade em relação às outras era “eu não tenho responsabilidade por quem chega aqui, mas quem chega eu sou responsável, mas eu sou mais do que isso, às vezes eu sou até MAIS responsável com quem NÃO chega, isto é, por que será que não chega?” E quem não chega? Sou responsável no sentido de um território, mas não território físico, sim as pessoas de um território. Se eu tenho adolescentes de alto risco de gravidez, que normalmente não chegam até o CS, sou responsável por elas, para que elas façam o pré-natal. Se elas estão vivendo uma vida sexual ativa, tem seus 13, 14, 15 anos



O modelo de atenção primária que queríamos era de unidade com território delimitado, com altas condições de vínculo com a população. A primeira gestão do Gastão, repetíamos: “o coordenador da unidade é o secretário de sua região, ele deve olhar sob seu território com responsabilidade”. Esse era o diferencial de Campinas.

e elas não vem ao CS, por elas sou responsável e por elas eu devo encontrar uma forma de abordá-las, sem medicalizar, sem querer montar programa de adolescência, abordá-las na região onde estão, na escola. Sem a visão de “Ah, então vou montar programa de adolescente”, programa de adolescente não dá em nada! Maior bobagem. Adolescente não gosta de programa de saúde, não gosta de ir no CS, nós que temos que alcançá-los, alcançá-las.



Campinas pedia um salto, pegar essas unidades muito grandes, que estavam virando unidades ambulatoriais e dar uma nova guinada, subdividir em equipes menores, para perpetuar esse vínculo. Algumas unidades realmente cresceram muito, assim não dá, unidade básica de 70 mil pessoas. Para corrigir isto e manter o modelo, começou-se isso, de trocar a estrutura de equipe, composição de equipe por modelo.

Ou seja, sou responsável por quem chega, mas mais ainda por quem não chega. Essa visão, perdemos. Em seguida começou a vir, um pouco com Paideia⁷⁰, mas muito pela forma de pagamento das equipes de Saúde da Família. Campinas tinha que ter absorvido não como se tivéssemos um modelo ambulatorial, pois realmente, algumas unidades estavam encaminhando para um modelo ambulatorial de atenção básica, ou seja, consulta, consulta e consulta. Mas a grande maioria não tinha esse modelo ambulatorial. Tinha um modelo vinculado com território, um que estava mal das pernas, mas por exemplo, sempre fomos responsáveis pela segurança epidemiológica, sempre. Nasceu assim, isso não é comum! Em muitas regiões do Brasil a fora, com redes grandes de atenção básica você não trata diabetes no Posto. Aqui sempre tratamos. Tratamos Diabetes. Somos responsáveis para tratar do surto de Diabetes na escola. Sempre fomos envolvidos.

Então chegou o momento que Campinas pedia um salto, pegar essas unidades muito grandes, que estavam virando unidades ambulatoriais e dar uma nova guinada, subdividir em equipes menores, para perpetuar esse vínculo. Algumas

70 Maiores informações sobre o Paideia podem ser encontradas aqui: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/468/364>

unidades realmente cresceram muito, assim não dá, unidade básica de 70 mil pessoas. Para corrigir isto e manter o modelo, começou-se isso, de trocar a estrutura de equipe, composição de equipe por modelo. Não era isso, de ter um médico generalista, escorraçar com os pediatras, não ter mais ginecologista, perder a resolutividade. Campinas era uma rede que tinha colposcópio em tudo quanto é unidade. Se tinha, por que não iria dar resolutividade que poderia dar? Por que não fazer colposcopia? Biópsia de cólon na unidade? Isso era conquista, não tinha que voltar atrás.

E tem mais. Campinas pode ter unidade para 15/20 mil pessoas e porque é muito concentrada. 15 mil pessoas em área de muita concentração como nos DICs, Vila Ipê, e outras regiões, as pessoas vão a pé em quinze minutos. Então pode ser uma unidade só, até 15/20 minutos no máximo, poderia ser. Mas tem que ser um número correspondente (de profissionais). Tem que funcionar de noite, funcionar sábado, tem que ter equipe. Essa equipe tem que se responsabilizar, para manter o vínculo. Campinas jogou fora o acúmulo para criar outra coisa, e não criou essa outra coisa.

Se tivesse ido para Saúde da Família radical, não tinha como, pois não tinha médico, para formar essas equipes, nem que quisesse. Tinha até outros profissionais que se poderia fazer concurso se tivesse vontade, mas não tinha médico para isso. Tinha que trabalhar com pediatra, clínico de adulto e ginecologista. Tinha que trabalhar, não podia ter jogado esse povo fora. Não ia ter. Campinas sempre teve uma demanda de clínica muito mais reprimida do que as outras. O estoque de doenças e necessidades é muito maior na clínica. Se tivesse trabalhado com os pediatras e ginecologistas e eles se inserissem nesse modelo de responsabilização, de vínculo, de apoio aos outros, isso não feriria o modelo de atenção primária com o responsável pelo seu território, com vínculo, com responsabilização por todo mundo, com estruturação de atenção coletiva para coisas

como Hipertensão, Diabetes... Isso foi ruim, perdeu-se. E muito mais se perdeu recentemente.

Campinas perdeu foi tudo. Parou de fazer concurso. Não tem gestão de modelo em Campinas, já há muito tempo, desde que estava no CETS, na rede. Não tem quem fale: “é responsabilidade tua acolher, por que não está acolhendo?”



Me lembro de quando fizemos o seminário sobre trabalho médico e já ali tiramos uma série de responsabilidades e propostas e nada virar.

Falta kit, o laboratório sucateado, caindo aos pedaços, quebra o ar-condicionado, falta pessoal e por fim a unidade acaba endurecendo com o povo. Passa a pedir senha... Isso foi perda terrível para Campinas. Assim, teve esse problema de não aproveitar o acúmulo histórico que tinha e nas últimas gestões, perda material, sucateamento.

A atual administração vai entregar mais de vinte unidade novas. Em quais condições?

Nada virar. Perdeu. Nos últimos três governos se perdeu totalmente, se parou de fazer gestão sobre a unidade básica. À deus dará. Cada um faz o que quer e qualquer coisa. Se perdeu recurso. Tínhamos o laboratório que era nosso orgulho, “o maior laboratório da América Latina, que faz isso e aquilo”, fazíamos coleta todos os dias na unidade. As pessoas faziam exame por livre demanda: qualquer dia que você quiser, chegando até oito e meia, de jejum, pronto. É o ideal.

Hoje você tem suspensão dos exames.

Isso, suspende, falta kit, o laboratório sucateado, caindo aos pedaços, quebra o ar-condicionado, falta pessoal e por fim a unidade acaba endurecendo com o povo. Passa a pedir senha... Isso foi perda terrível para Campinas.

Assim, teve esse problema de não aproveitar o acúmulo histórico que tinha e nas últimas gestões, perda material, sucateamento.

A atual administração vai entregar mais de vinte unidade novas. Em quais condições? Provável que sem gente. Com equipamento? Não sei. E acima de tudo, com que gestão? Com que compromisso com a população? Isso perdeu: o

compromisso com os usuários. Eu lembro que tinha um compromisso com o usuário que não podia simplesmente mudar uma coisa, se antes era livre demanda para colheita de exame não podia do dia para noite virar 'senha'. O meu conselho questionaria, teria que provar por A mais B que isso era necessário. Hoje não tem compromisso: suspende exame, reduz horário de atendimento, farmácia não funciona o tempo inteiro? Na minha época isso era uma coisa sagrada. Farmácia não funcionar o tempo inteiro. Verdade que não tinha a qualificação do técnico farmacêutico, mas a gestão não toma isso como sagrado.

Não se pode fechar a farmácia. O remédio que tem aí eu guardo para entregar em determinada condição técnica, ele não é meu. Não tenho direito de fechar a farmácia as quatro da tarde. Não é direito de cidadania mais, é algo que a gestão conforme quiser, simplesmente faz. Se eu entendo que assistência farmacêutica é direito do povo e eu guardo o medicamento para entregá-lo nas melhores condições técnicas da melhor forma possível para o tratamento dos usuários, não posso admitir que fecho a farmácia quando chega as férias do técnico, "ah, não tem, vai no vizinho".

Isso foi forte na sua fala para mim. Existia um compromisso lá atrás com a prestação de serviço, me parece que a coisa se burocratizou de uma forma que hoje o compromisso é com a burocracia. A burocracia de ter uma equipe estruturada de determinada forma, que faz determinada produção. Estamos no momento de mudança do financiamento da Atenção Básica, os agentes de saúde estão pressionados a fazer o cadastro das famílias no sistema. Mas não é cadastrar! É preencher ficha. Cadastrar é visitar a família, olhar as condições de moradia, avaliar as necessidades e trazer para unidade para trabalhar com isso.

Eu trabalhava com cadastro mediante demanda. Grande demais a área para o número de agentes que tinha, então

era assim, vai cadastrar quem o médico indicou: “Atendi Seu João, um senhor de 82 anos e me parece que ele não está tomando o remédio corretamente, pois não está melhorando, tem dificuldade e etc.”, esse é um usuário que precisa do cadastro, de receber visita. Fazíamos mediante demanda e eram muitas, era pré-natal, era nenê que nascia... O agente tinha uma integração absoluta com o atendimento médico e clínico. Não era cadastro por cadastro, mesmo que fosse o cadastro de ir na casa, você ia para avaliar com quem Seu João vivia, quem poderia ajudar a tomar o medicamento. Se ele tinha alimentação no almoço, na janta, quem era sua rede, seu vizinho. Assim ia o agente e cadastrava, ia e montava uma coisa em função de um problema de saúde.

Isso foi desmontado já quando eu estava lá. Naquela época já havia a cobrança por fazer mais. Queríamos ir fazendo desta forma, mas para os agentes eles queriam outra coisa, eles adoravam fazer isto, não era uma ação estatística. Se eu quero saber estatística da população, eu vou no IBGE, não precisa de agente. Tinha que ir para juntar com atenção, com cuidado. Isso era o ideal.

Era assim, pela cobrança antes, agora imagina sob essa nova forma de financiamento? Só vai fazer isso. É a morte do modelo de atenção primária que vinha se construindo em Campinas. Agora até o agente de saúde vai ficar afogado por ordem burocrática, o cara que dava atenção e fazia o elo com o território.

O que me lembrou que os gestores estão defendendo este modelo, inclusive os da Secretaria, defendendo o cadastramento. Durante um conselho distrital de saúde recente, onde durante a discussão os próprios conselheiros começaram a defender que tem que ser feito o cadastramento. Falta até a visão crítica. É um gancho para se falar de controle social, da maneira como estamos perdendo substância. Queria ouvir de ti

como é sua vivência atual. É militante do MOPS desde os anos noventa, depois conselheira, depois presidente do conselho...

Assim, eu não me senti no conselho com nenhuma surpresa em relação ao controle social, sabia o quanto é duro isso, por causa do MOPS.

O MOPS em Campinas começou antes da minha entrada, já era algo muito importante em Campinas, nos primórdios da rede era ele quem definia a planta de unidade que a população queria. A visão que o MOPS incorporou desde muito cedo era que unidade básica não é postinho, é resolutive, é grande, tem sala de observação, sala de curativo. O MOPS nasce muito influenciado pelas comunidades eclesiais de base, imbuído da noção que saúde é direito da cidadania e não favor. O MOPS foi responsável, por exemplo, por brigar para reformar uma unidade, o prefeito chegava para inaugurar e o MOPS vinha para bater de frente com essa postura “Ah, então agora vem para inaugurar?!”, fazendo o contraponto, batendo pé que aquilo é fruto da nossa luta, não é favor da Prefeitura. Não tem que baixar a cabeça para político e tal.

No Vila Ipê, era Jacob Bittar o prefeito de Campinas. A construção da Unidade lá foi conquistada por luta do MOPS, pois havia disputa entre vereadores para que o Vila Ipê fosse construído no Jardim das Oliveiras, naquele terreno entre as duas ocupações – Vila Ipê e Bairro da Conquista – foi produto da luta do MOPS, ou seja, inaugurar uma unidade no local onde havia população mais dependente de SUS. O MOPS lutou pela planta, pois havia apenas uma e isso por isso brigou com a Eunice⁷¹ para ter outra porta. Pessoal chamava das



A visão que o MOPS incorporou desde muito cedo era que unidade básica não é postinho, é resolutive, é grande, tem sala de observação, sala de curativo. O MOPS nasce muito influenciado pelas comunidades eclesiais de base, imbuído da noção que saúde é direito da cidadania e não favor.

71 Eunice Carvalho, arquiteta sanitarista, que realizava as obras e

‘Loucas do Santa Odila’, que era a Graça⁷², a Yara⁷³, elas iam e brigavam, se achavam no direito que tinham, o direito como cidadãs de influenciar.

Então na inauguração, que era uma inauguração popular, viria o pessoal do Cândido e iria pintar um mural, um grafitão preparado para acontecer e o Jacob Bittar marca de ser outro dia por ser conveniente para ele. O pessoal ficou puto da vida e fez duas inaugurações: a que ninguém foi e a do povo. Nasceu assim o Vila Ipê.

O MOPS tem essas histórias de afirmação da vontade popular, do direito de cidadania, que às vezes as pessoas estranham, mas nasceu assim. Ele foi crescendo e chegaram pessoas com outras concepções. As concepções do clientelismo, que é uma praga do movimento popular, em geral, é algo que penetrou no MOPS, isso de ‘eu falo com meu vereador e ele resolve tudo’, da subalternidade do povo. Mas acredito que tenha mantido um núcleo com essa visão da saúde como direito.

Hoje em dia vejo um movimento do MOPS atrás de crescer novamente, apesar de não participar mais. Que cresça e que cresça com o espírito de ver a saúde como direito, ao mesmo tempo que esses movimentos sociais tem que correr atrás das instituições, da Câmara de Vereadores, não pode haver subalternidade, “sou amiga do prefeito e ele vai fazer meu postinho primeiro”. O MOPS nasceu com muita solidariedade, às vezes abria mão de um posto, porque tinha um outro que precisava mais.

O MOPS aprendeu muito sobre essa questão do modelo. Por exemplo, antes do MOPS havia muita reivindicação, um PS em cada bairro. O MOPS aprendeu que não era um em cada bairro, era atenção básica de saúde, com atenção integral. Ao mesmo tempo, abriu mão da luta por horários

reformas da Secretaria Municipal de Saúde de Campinas.

72 Maria da Graça Xavier, militante do MOPS Campinas.

73 Yara Correa de Oliveira, militante do MOPS Campinas.

de atendimento, o que influenciou nos conselhos. Era uma coisa sagrada e hoje vejo conselhos cooptados por gerentes locais e gestão da Secretaria para fechar CS mais cedo. Com a desculpa que vai melhorar se ficar até às quatro da tarde, que tem mais gente, vai ficar melhor. Essa não é nossa posição.

Nas primeiras conferências de saúde em Campinas, era radical: nem uma hora a menos! O que abriu, abriu, não volta atrás. Tem pouca gente? Então tem que contratar, vamos abrir concurso público, mas não voltar atrás. Para a população isso é uma medida fundamental de equidade. Assim, quem vem de noite? Isso aprendi nos 15 anos de Ipê: é o servente de pedreiro que tem relação mais precária de trabalho, é a faxineira que tem relação mais precária de trabalho, é para tratar o dente que tem dentista a noite, por que se não tiver a noite, não trata. É mais justiça social, mais igualdade abrir a noite, abrir ao sábado. E aproveitar a oportunidade, a capacidade instalada. Agora tem uns puta prédio bonito e fecha às quatro da tarde, meu, o do (Centro de Saúde) Oziel! É uma vergonha! Um prédio bonito, com ar-condicionado. Tenha santa paciência! Há um conluio de trabalhadores locais e gerentes locais que estão cooptados, que usam argumentos que confundem os conselheiros, pois não se tem gente, um fato dado, então é “melhor” se tiver gente até às quatro horas. Não olha que para além e vê que, se colocar mais quatro pessoas (trabalhando), resolve o problema.

O MOPS não poderia perder isso. Mas como a situação está difícil, se perde os parâmetros, suas referências do que a população tem direito, e também os conselhos. Como os problemas são muito grandes e estruturais, por exemplo: falta de medicamento, falta pessoal, falta de concurso público, falta de orçamento, coisa crônica. Então o conselho local se



É mais justiça social, mais igualdade abrir a noite, abrir ao sábado. E aproveitar a oportunidade, a capacidade instalada. Agora tem uns puta prédio bonito e fecha às quatro da tarde, meu, o do (Centro de Saúde) Oziel! É uma vergonha! Um prédio bonito, com ar-condicionado. Tenha santa paciência!

sente desempoderado, pois quando essas coisas estão um pouco mais resolvidas, o conselho pode discutir uma forma de agendamento, poderia discutir os grupos educativos, uma ação nova. Atualmente os conselhos são obrigados a discutir que falta médico, que falta enfermeiro, farmacêutico e tal. E isso não se resolve no conselho local, se resolve a nível distrital, mais no nível municipal. Desempoderado, esvazia-se a função do conselho local.



O cara te fala “Ah, precisa ter mais um médico”, o coordenador da unidade explica: “mais médico apenas quando tiver concurso...O concurso sei lá quando”. Então aí o cara: “então o que estou fazendo aqui?”. Se restringe o acesso e o conselheiro está fazendo o quê ali, se é uma luta do conselho municipal?

Estamos fazendo essa discussão e isto está claro: a desmobilização dos conselheiros para conseguir que as pessoas se candidatem, está muito forte.

Muito vem disto, pois não é quanto pior melhor, é quanto pior, pior mesmo! O cara te fala “Ah, precisa ter mais um médico”, o coordenador da unidade explica: “mais médico apenas quando tiver concurso...O concurso sei lá quando”. Então aí o cara: “então o que estou fazendo aqui?”. Se restringe o acesso e o conselheiro está fazendo o quê ali, se é uma luta do conselho municipal?

Os coordenadores são muito pouco comprometidos com esse controle social, pois se tivéssemos alianças como antes tivemos em Campinas, a grande parte dos coordenadores tinha compromisso em fazer um conselho local participativo. Nessa época discutia-se com esses caras qual o grau de potência desse conselho nessa conjuntura, mas com esses coordenadores não sendo aliados, fica difícil.

Você enxerga algum caminho para recuperarmos esta relação? Com trabalhadores e coordenadores frente ao controle social?

Eu acho que é possível, sempre é. Porque estes coordenadores são enfermeiros, médicos, pessoas dedicadas

a este sistema público. Se são pessoas do sistema público, elas podem ser ganhas. A maioria deles não tem dupla militância, não está ali fazendo um bico, pois trabalha no outro serviço particular. São trabalhadores do SUS, então acredito que sempre é possível recuperar isto. Tem que criar espaços.

Mas tem algo ruim que é quando se estabelece um antagonismo, os usuários contra (os coordenadores). Era necessário baixar a guarda de ambos os lados. Há muitos coordenadores que morrem de medo dos usuários. Tem medo de reunião. Uma das coordenadoras que visitei dizia que nos dias de reunião do conselho, passa mal, tem diarreia e toma calmante. A coordenadora toma para si, não politiza a discussão de SUS, como se fosse pessoal. Se criticam, ela toma para si, como se fosse uma crítica para ela. Tem isso em Campinas, no Brasil. Ainda assim, acho possível, Nayara. Não é um campo minado, essa aliança pode ser reconstruída.

A administração geral não ajudou esses últimos anos, pelo contrário, amedrontou os gerentes, os distritos também não ajudam, por outro lado, com as pessoas do nível local se pode... Atualmente não confio nos distritos, eles estão muito amedrontados, tem algo opressivo na Secretaria, no nível dos gestores de nível central e distrital não apostaria muito, mas em nível local eu aposto. E também nos trabalhadores chamando os gerentes. Falei demais já, né?

E para encerrar, o que você acha que falta falar? Do que você quiser.

Nunca pensei que fôssemos chegar em 2020 na atual situação. Nesses anos todos, nem no aspecto da militância política geral, nem no SUS. Extremamente difícil. Quem poderia imaginar? Assim, mesmo resgatando as épocas mais difíceis da ditadura, da construção do SUS, das oposições, das políticas de saúde, sempre se esteve com um melhor horizonte, lá na frente era para melhorar, do país e do sistema de saúde. Tinha sempre uma experiência

melhorando ali, porque “olha, dá para fazer assim, eles fizeram...” Agora não conseguimos ver isso. Fase muito difícil, MUITO difícil mesmo. Não sabemos, pois do ponto de vista político se vê os retrocessos que esse país está sofrendo, o povo brasileiro PERDENDO direitos e a CRUELDADE da política econômica deste governo. Que tamanho será esse retrocesso. Uma grande imprensa que tem espaços, mas que é uma enorme SACANAGEM. Como com essa história de não noticiar a greve dos petroleiros, com mais de cem unidades paradas, que conluio é esse da grande imprensa com essa política econômica absurda? Desesperador, né? Não se tem uma notícia da greve dos petroleiros, nem na TV nem nos grandes jornais. Nada. Estão dando o sangue nessa greve, está politizada, está bacana.



Vivendo esses retrocessos na saúde e no SUS, é difícil. O que dá um alento é a gente. Estamos aqui, as três gerações de SUS e tem gente nova. Temos que estar junto. Que nisso, se encontram pessoas, se encontram escritos, se encontram jornalistas, artistas. Isso não está se canalizando para algo efetivo de mudança, mas que tem, tem. Tem gente contestando essa situação toda.

Falo disso, pois quero dizer que não é que não há coisa acontecendo, pois há. Todavia a conjuntura é desfavorável. E na saúde sofremos retrocessos, no financiamento da Atenção Básica, no fim dos NASF⁷⁴.

Tenho um pouco de dúvida em relação aos NASF, sou insegura. Acho uma proposta muito difícil de ser implementada. Porém, do jeito que as coisas estão, era bom. Podia qualificar e tal.

Vivendo esses retrocessos na saúde e no SUS, é difícil. O que dá um alento é a gente. Estamos aqui, as três gerações de SUS⁷⁵ e tem gente nova. Temos que estar junto. Que nisso, se encontram pessoas, se encontram escritos, se encontram jornalistas, artistas. Isso não está se canalizando para algo efetivo de mudança, mas que tem, tem. Tem gente contestando essa situação toda. Tem (gente) de montão

74 Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica.

75 Está se referindo a ela, à Nayara (segunda geração) e a Francielly (terceira geração).

no SUS que está absolutamente desconfortável com essa situação e disposta a revertê-la. Ainda vamos descobrir como juntar essas pessoas para dar outra... É bem, sobrou procê agora (Falando com a Francielly) (risos). Sobrou para os novinhos. Cês que tem que ter ânimo! (Francielly sorri).

E tem gente! Não somos apenas nós três. Mesmo politicamente, acho que ninguém tem uma proposta política clara de como a gente vai sair dessa, mas tem muita gente incomodada e muita gente fazendo reflexões interessantes e há de se desdobrar em algo produtivo.

Quero fazer uma pergunta sobre o MOPS! Duas coisas, primeiro, como você conheceu essas pessoas, como estabeleceu contato com esse movimento, né? Pois você é uma trabalhadora de saúde, uma gestora. Como foi a sua entrada num movimento que era composto majoritariamente por usuários? Em segundo, como você acha que esse seu contato influenciou a sua maneira de estabelecer o serviço, o seu trabalho em saúde e a própria existência da Atenção Básica no território.

Meu contato com o MOPS já existia anteriormente, já havia intenção de aproximação desde que começaram a atuar na questão das unidades, pois minha visão encaixava com a deles, eles começaram a me chamar como uma espécie de assessoria, para discutir “por que não pronto socorro?”, começaram a confiar em mim, mas se deu mais fortemente quando fui para a Vila Ipê em 1991, porque na região do Cura D’Ars nasceu o MOPS de Campinas, ali moravam o Armando Botta⁷⁶, a Graça, eram da área de cobertura de saúde da Vila Ipê, Seu Chiquinho⁷⁷...

Eram usuários do CS que vinham com a tradição de luta, todos que me aproximei mais eram pessoas que vinham de comunidades eclesiais de base. A atuação deles no bairro

76 Armando Botta, militante do MOPS Campinas.

77 Francisco Leme, militante do MOPS Campinas, morador do bairro da Conquista.

me atraía muito, eram pessoas extremamente solidárias, as mais solidárias das pessoas em que já compartilhei alguma atuação política talvez, mais que partido, porque ali no bairro via essa atuação solidária.

Se tinha enchente na ocupação e enchia a casa das pessoas de água de barro, tinha Armando Botta carregando colchão nas costas, ajudando as pessoas. Era bonito de se ver. A relação pessoal deles era de cuidado com os filhos, era muito coletivo, muito interessante. Apesar deles católicos e eu atea, tinha muita identidade com a forma como eles atuavam. Gostei e me aproximei, pessoalmente era agradável estar com eles. Todavia, havia limites, pois eles atuavam em muitas frentes, nem sempre podiam vir para a Saúde, em vezes vinha um e os outros saíam.

Através de uma trabalhadora, auxiliar de enfermagem, Olga⁷⁸, uma pessoa excepcional que também vinha de comunidade eclesial de base, fui me aproximando. Carminha também se aproximou. Nayara também, veio logo depois disso, né?

As primeiras atividades que fiz foi 1998, quando voltei para Campinas. Me lembro que foi naquele curso em Externato São João, em seguida não consegui ficar intensa, mas de 2005 para cá tenho conseguido permanecer presente.

O MOPS em Campinas já teve mais organicidade, menos organicidade, altos e baixos. Mas tem esse povo bacana, de muita identidade. Agora muitos estão idosos, cansados. Tem a Yara que é uma figura que não era daquela região, era de cá⁷⁹. A turma da Yara tinha muita atuação. Wanderci⁸⁰, Terezinha⁸¹. E pessoal está ficando de mais idade, então tá chegando uma nova geração. Espero que essa movimentação

78 Olga Akemi Fukuda.

79 Está se referindo à região Leste de Campinas, mais próximo a casa dela.

80 Wanderci Aparecida Diniz Loro.

81 Terezinha de Fátima Carneiro da Silva.

se firme.

Você perguntou duas coisas. Como cheguei no MOPS e outra como acho que essa relação com movimento de usuário afetou minha forma de atuar. Me afetou completamente. A profissional que sou é produto das pessoas que convivi na área da saúde, dos intelectuais, das que li, que estudei, o Emerson, Gastão, Luiz Cecílio, Nelsão, sou produto dessas pessoas e diria que, em igual quantidade dos usuários. Essas pessoas me ensinaram muito, de como organizar unidade, coisas ‘sanitarísticas’, essas idealizações que se tem de ‘assim é melhor para o povo’ e eu saber que assim não é melhor. Tem o que eles vêem, o que eles acham. Não sou alguém que faz relações pessoais facilmente, mas na Unidade Básica fazia relações muito fáceis com os usuários, relações de muita intimidade, pois querer entender a vida deles, suas necessidades te cria relações muito fortes com os usuários.

Você aprende muito. O MOPS me facilitou a chegar aos usuários e depois os usuários do Vila Ipê me ensinaram muito, tanto que sei os nomes até hoje. Consigo te passar uns cinquenta aqui para vocês, contar da vida de cada um, pois a relação foi muito forte. Coisas assim, da vida do povo brasileiro mesmo, sabe? Dos nordestinos que vêm e moram nas ocupações, as visões que tem de saúde, da gente, aprendi muito. Acho que Atenção Primária ensina, se forem abertos para aprender isso, para ouvir o que precisam as pessoas, você aprende muito. Do que elas querem de uma unidade básica, do serviço de saúde incrustado no bairro delas, do que esperam.

Eles esperam ser ouvidos, esperam às vezes uma ação muito pontual, estão com dor, querem que tirem a dor. Estão com unha inflamada e querem que você resolva a



A profissional que sou é produto das pessoas que convivi na área da saúde, dos intelectuais, das que li, que estudei, o Emerson, Gastão, Luiz Cecílio, Nelsão, sou produto dessas pessoas e diria que, em igual quantidade dos usuários. Essas pessoas me ensinaram muito, de como organizar unidade, coisas ‘sanitarísticas’, essas idealizações que se tem de ‘assim é melhor para o povo’ e eu saber que assim não é melhor.

unha inflamada. Há momentos que eles têm um medo muito grande de algo, de que um filho dele está andando com gente que usa droga e ele tem muito medo que o filho seja dependente de droga, ele quer conversar sobre isso e ver o que pode fazer para evitar isso. Tem hora que ele quer contar que o marido foi preso e está morrendo de vergonha dos vizinhos. Não cabe em...

É aprender a conversar. Eu fazia uma coisa com as mulheres, pois primeiro você recebe as necessidades, depois vê o que pode fazer e o fato é que elas queriam conversar comigo. As senhoras principalmente, próximas da minha idade. Resolvi começar a fazer o “chá das cinco com a Doutora Haydée”, era uma roda de conversa. Quando os residentes da Saúde Coletiva passavam lá, alguns chegaram a fazer comigo, como a Vivi⁸², a Luciana⁸³. Elas queriam contar a história da vida delas. Queriam contar que agora o marido está bebendo e quer botar para fora de casa, mas ela quer contar porque que ela tem o direito de fazer isso, o porque que ela tá saturada dele, quer contar como ele era quando os filhos eram pequenos, agora os filhos já estão casados. Quer contar o que ele já fez para ela, quer que o grupo legitime a opção de botar ele para fora. Ou dizer que se ela quiser mesmo, ela tem o direito. Você tem, qualquer um tem.

Ela quer compartilhar isto. Outras coisas mais. Lembro da história de uma que tomou um dia inteiro. Contou que quando ela era pequena cortava a palha, punha a palha para secar na cerca de arame farpado, trançava a palha para fazer chapéu, fazia chapéu, fazia um maço de chapéu amarrado, subia no trem em Minas e ia vender o chapéu não sei onde. Ela tinha uma vontade de contar como sobreviveu anos a fio, ela, os irmãos e a mãe vendendo esse chapéu. Ela contava e falava que achava que isso estava tão perdido

82 Viviane Guimarães, médica sanitária, gestora pública em Campinas.

83 Luciana Utsoymia, médica sanitária, professora universitária, gestora pública em Sumaré.

nessa sociedade, ninguém mais sabe como faz um chapéu de palha, aquilo era um orgulho dela! Ela precisava contar como que alguém fazia chapéu de palha. Por aí vai.

Imagina quanto de história eu tenho disto. Histórias e mais histórias. Aprendi demais com eles. Coisas mais sérias também. Por vezes mais urgentes, mais clínicas. Aquilo que irrita muito médico “Doutora preciso muito fazer um ultrassom”, “Fazer uma ressonância magnética”, o médico se irrita, mas depois que você conversa, descobre porque que quer ressonância, tem uma história. É porque tem um irmão esquizofrênico e que aconteceu tal desgraça, que ela está achando que a ressonância vai mostrar se ela vai ficar esquizofrênica algum dia. Até entender que é isso... Poucos dão esse espaço, “não, senhora não precisa de ressonância nenhuma. A senhora quer uma por quê?” Ela se inibe e tem vergonha de continuar a conversa dela. Tanto de clínica, de necessidades de saúde, quanto de vida aprendi com o usuário. Nem Emerson, nem Nelsão, nem Gastão nem ninguém sabem disso.

Gosto muito daquela que você conta do senhor que prefere...

Isso foi com o João Carlos Lopes Cacau, sanitarista de São José do Rio Preto. Ele conta essa maravilhosa. Chegou para um sinhozinho e disse “Sua pressão está alta, vai ter que parar com o torresmo, sei que gosta muito, mas não dá para ficar comendo torresmo que o colesterol está alto. Parar de pitar o cigarrinho de palha e parar de tomar sua branquinha todo dia na hora do almoço.” “Doutor, vou falar uma coisa pro senhor. A vida pra mim, vale mais a largueza que o comprimento. Vou largar essas coisas não.”

Tive um senhorzinho que chegou pra mim no dia do batizado bisneto dele, Seu João Sabino o nome dele.



O médico se irrita, mas depois que você conversa, descobre porque que quer ressonância, tem uma história. É porque tem um irmão esquizofrênico e que aconteceu tal desgraça, que ela está achando que a ressonância vai mostrar se ela vai ficar esquizofrênica algum dia. Até entender que é isso... Poucos dão esse espaço, “não, senhora não precisa de ressonância nenhuma. A senhora quer uma por quê?”

Chegou para mim totalmente descompensado na segunda-feira e tinha entrado em todas nesse aniversário, tinha tido churrascão, aquelas coisas. A enfermeira “Seu João Sabino está lá descompensado de pressão, vinte por quinze!! O que vamos fazer?! Ele comeu todas no churrasco! O filho me veio e já disse tudo.” Eu fui e “Seu João, o que aconteceu?” “Ah! Isso foi o guaraná moreno que meu filho me deu! Sabe esses guaraná moreno?!” a coca-cola no caso e ele continua “esses guaraná moreno é um veneno! Falei que ia tomar só cerveja, ai ele me deu esse guaraná moreno, me faz um mal loco, isso é venenoso! Por isso que eu tô com pressão alta!”

Fiz essa pergunta, pois quando falou no começo da conversa de hoje, do programa das crianças, de medir cabeça e etc., você falou que a porta tem que estar aberta, quando a mãe precisa. A gente vai cuidar da criança desse contexto. Acho que isso é uma quebra. É um outro tipo de visão.

Sim, outro tipo! É uma potência que a Medicina tem, seja ela clínica, seja ela sanitária, ou baseada na epidemiologia, ela não é o todo. É importante a epidemiologia, a clínica é fundamental, mas a subjetividade é tudo.

Não joga fora esses conhecimentos. Enquanto médico, ou você é o clínico, ou biomédico que enche de exame, ou você é o sanitário que sabe que o problema é grandes números, vinte por cento da população com mais de cinquenta anos tem Hipertensão Arterial então aqui acolá, sabe todas as estatísticas, vai procurar e organizar aquilo, do ponto de vista epidemiológico, mas não é tudo. São fundamentais, mas temos que BAIXAR A GUARDA destes conhecimentos, se não você nunca vai ouvir falar de guaraná-moreno, e que faz mal o guaraná-moreno, porque o Seu João Sabino é cismado com ele.

Ou do benzedor que era meu grande amigo, que benzia e tinha resultado. Benzia, benzia e benzia e até eu aprendi umas rezas com ele. ‘E zíper e erisipela, sai do corpo sai da

goela, zíper e erisipela, sai do corpo sai da goela”.

Era assim, dor de garganta, veja só, erisipela é uma estreptococcia, uma amigdalite, e quando tinha uma criança com dor de garganta ele fazia essa ‘zíper-e-ripela, sai do corpo sai guela’. Erisipela para ele não era a doença, era uma coisa que rimava. Tinham várias benzeduras que ele fazia. Todas rimadas.

Além desta visão humanística, isso da solidariedade, quando você falou não apareceu, mas conforme você foi falando senti isso, que tem o aprendizado com a forma das pessoas viverem e se organizarem, serem solidárias umas com as outras, na verdade tinha uma identidade com você.

Eu tive muita sorte, trabalhei com gente muito bacana. A Maria Helena Barbeta, uma assistente social, assim, loirinha do olho azul, miudinha, agora com cabelos brancos, da minha idade, sempre nos atos que chamamos, nas passeatas de SUS, ela vai. Ela era assistente social do (Centro de Saúde) Santa Odila, do estado. Na época trabalhou comigo no Vila Ipê. É uma pessoa com uma visão super bacana, uma pessoa de esquerda, ligada a comunidades eclesiais de base, me ensinou muito essa mulher. Eu vendo uma situação muito crítica, tinha vontade de tirar um dinheiro e dar, pois está passando fome e ela dizendo: “dinheiro não, Haydée, não é um lance, vamos resolver de outro jeito, tem outro jeito”, coisas assim que eu fazia e entrei pelos canos algumas vezes. Também não vamos idealizar o povo.

E ela me ensinava a “Não...”. Lembro de uma mãe que os filhos estavam ficando adolescentes, ela era sozinha com os filhos, trabalhava e o filho estava indo para a droga, virando aviãozinho e ela dizia, “Haydée, vamos achar um jeito dessa mãe sobreviver e ela largar o trabalho”. Eu achava aquilo um absurdo e ela “ou ela vai parar de trabalhar para segurar esses meninos, ou esses meninos dela...” Ela ia lá, conhecia a realidade dos meninos. Era sabedoria mesmo, ela sabia que

nesse momento a mãe tinha que parar de trabalhar e que nós precisávamos ajudá-la a sobreviver sem o trabalho “vamos ver que entidade pode ajudar, pois ela precisa dessa força, porque os meninos dela...” Era uma mãe de quatro filhos, dois ficando adolescentes, uma menina loirinha de olho azul que estava querendo se prostituir. Uma situação periclitante. Ela tinha a sensibilidade para ver, sensibilidade que eu não tinha ainda, de não ver ainda a gravidade dessas situações, ela me ensinava. Aprendi muito. Muito mesmo. Tive sorte de topor com essas pessoas e de estar aberta para elas.

ÁLBUM



Foto de Sônia Fardin, do grafite realizado por Sergio Campelo e Mirs Monstrego, para a Femenagem realizada para Haydée no CS Vila Ipê em setembro de 2021.



Haydée 7 anos, Guaratinguetá SP, acervo pessoal



Haydée por volta dos 18 anos, Brasília, acervo pessoal.



Carteirinha da Haydée no CIEM, acervo pessoal.



Haydée no começo da Faculdade, UnB 1969, acervo pessoal.



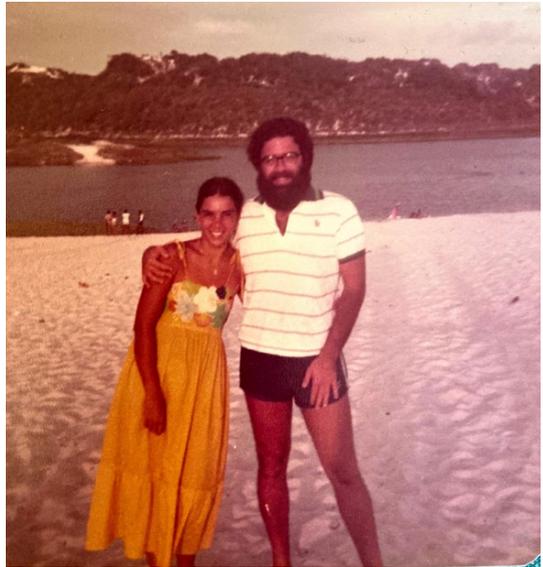
Haydée em São Paulo, mais ou menos em 1976. Acervo pessoal.



Haydée e Luiz Cecílio com os filhos Tiago (3 anos) e Ana (3 meses) e os amigos Gastão e Florianita com Emília (1 mês), São Paulo 1978, acervo pessoal.



Haydée amamentando Ana com uns 3 meses, Campinas 1978, acervo pessoal.



Haydée e Luiz Cecílio em praia no Nordeste 1973 ou 74, acervo pessoal.



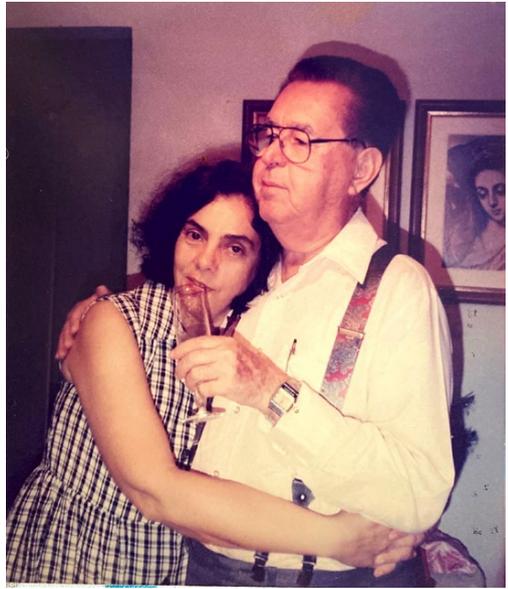
Haydée com Tiago (6 anos) Ana (4 anos) em Campinas 1981, acervo pessoal.



Haydée com Ana Muller Campinas anos 90, acervo pessoal.



Haydée na eleição do Conselho Local de Saúde do CS Vila Ipê 1993 com Barbosinba, Euclides, Lucia, Olga, Eliete, Amauri, Onofra, Celso e outros conselheiros e pessoas da comunidade, acervo pessoal.



Haydée com Humberto seu pai Campinas 1994, acervo pessoal.



Haydée com Thereza sua mãe e Margarida que trabalhava em sua casa em Campinas 1994, acervo pessoal.



Haydée com Luiz Cecílio, Ana, Tiago no Natal de 1995 Campinas, acervo pessoal.



Haydée com filhas de trabalhadoras do CS Vila Ipê: Mariana, Isabela, Talita Campinas 1998, acervo pessoal.



Haydée com as amigas Josely, Carminha, Angela, Lidia e Florianita no aniversário do Luiz Cecílio Campinas 1999, acervo pessoal.



Haydée com Regina Marcia (irmã), Thereza e Ana em Campinas por volta dos 2000, acervo pessoal.



Haydée com amigos Florianita, Heleno e Ana Segall durante campanha Lula 2001, acervo pessoal.



Haydée com amigas Marcia Helena e Jeanette Mufalo em viagem à Serra da Canastra em Delfinópolis MG 2001, acervo pessoal.



Haydée com equipe CS Vila Ipê representantes da comunidade Euclides e Fábio no planejamento 2002, acervo pessoal. Fazem parte da equipe: da esquerda para direita em pé: Vitória, Darcy, Genilene, Sandra, Miriam, Elisa, Suely e Zezé. Segunda fileira: pessoa não identificada, Seu Euclides (conselheiro), Cleide, Andrea, Mercedes, Doris, Eliete, Wanice e Adriano (residentes de Medicina Preventiva e Social). Agachados e sentados: Fábio (Juventude), Olga, Celina, Rita, Nara, Luzia, Natacha, Lourdes.



Haydée com Olga, Euclides, Barbosinba, Eliete e Sebastião durante pintura CS Vila Ipê 2002, acervo pessoal.



Haydée com Carminha Carpintéro (secretária de saúde), Izalene Tiene (prefeita de Campinas), Adriano (residente) e integrantes da equipe CS Vila Ipê: Celina Luciana Vitória e Cleide, Campinas 2003, acervo pessoal.



Haydée durante o planejamento anual com equipe e CLS Vila Ipê, provavelmente 2002, acervo pessoal.



Haydée com Ana e Camilla sua nora na Concha Acústica do Parque Taquaral Campinas 2006, acervo pessoal.



Haydée com Camilla, Tiago, Theo (filho dos dois) e Francisco (filho de Ana) recém nascido em São Paulo 2009, acervo pessoal.



Haydée com Camilla durante gravidez da Nina (cerca de 5 meses gestação) Campinas 2010, acervo pessoal.



Haydée com neto Francisco (8 meses) no Parque Taquaral Campinas 2010, acervo pessoal.



Haydée e Thereza em viagem para Aguas de Lindoia com os netos e bisnetos Nina, Francisco e Theo em 2015, acervo pessoal.



Haydée empossada como presidenta do Conselho Municipal de Saúde de Campinas (mandato 2017 – 2020) em fevereiro 2017 com conselheiros e companheiras, acervo pessoal. Em pé: Mirela, Mena, Francielly e Rafael (conselheiros), Bete, Graça e Yara. Ajoelhadas/Sentadas: Verônica e Nayara (conselheira).



Haydée com Graça Xavier, Lucio Rodrigues, Yara Correa e Armando Botta militantes do MOPS em sua casa dezembro 2017, acervo pessoal.



Haydée com amigas Marcia Molina e Nayara no Grito dos Excluídos Campinas 2019, acervo pessoal.



Haydée lendo jornal acompanhada da gata Capuchinhos (Capu) 2015 Campinas, acervo pessoal.



Parte da família reunida na Bocaina SP em 2017: Em pé: Leticia (filha do Daniel, filho do Luiz), Érica (esposa do Daniel), Haydée, Ana, Paulo (genro da Haydée), Theo, Camilla. Sentados: Felipe (filho de Daniel), Daniel, Luiz Cecílio, Tiago, Francisco. Em destaque: Nina com Luiz Cecílio e Serelepe (cachorrinha predileta da Haydée) com Tiago.

Este livro é dedicado à defesa do Sistema Único de Saúde. Há várias maneiras de fazer isto: com o apoio de argumentos técnicos, dados estatísticos e arrazoados sociológicos. Neste livro, escolhemos outro caminho: contar a trajetória singular de uma menina do interior, que se converteu em construtora do SUS. Seu nome: Maria Haydée de Jesus Lima. A forma: uma entrevista concedida, nas tardes de sexta-feira, 14 de fevereiro e de domingo, 16 de fevereiro de 2020. As entrevistadoras são amigas e companheiras de Haydée: Francielly Damas e Nayara Oliveira.

Quando fizemos a proposta de entrevistá-la e ela aceitou, naquele momento em que Haydée havia se afastado do Conselho para cuidar de sua saúde, pensamos as perguntas que faríamos, propondo e ajustando uma primeira data, deixando para depois definir uma segunda, se necessário. Focamos na retomada de sua trajetória, do ponto de vista de sua militância no SUS, como mulher de esquerda, sanitária, trabalhadora, gestora, militante do MOPS e conselheira, deixando que a conversa corresse no ritmo dado por ela. Nem imaginávamos que viria uma pandemia e que sua condição de saúde pioraria a ponto dela nos deixar em 17 de abril de 2021.

E agora, em abril de 2023, tornou-se possível publicar a entrevista, por enquanto em formato on-line, para marcar o aniversário de 72 anos do nascimento de Haydée. Registrar sua história e contá-la é uma oportunidade de reconhecer e visibilizar o trabalho e a relevância que as mulheres possuem na construção do SUS e da saúde pública brasileira a partir da base. Esperamos que todas as pessoas que leiam, sejam tocadas pela história que virá a seguir. E que abracem a luta.



CENTRO
CULTURAL
ESPERANÇA VERMELHA



ELAHP

Escola Latino-americana
de História e Política
Escuela Latinoamericana
de Historia y Política